



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

FABIANA JANUÁRIO DE ARAUJO

**O COMUNICÓLOGO NEGRO: UM ESTUDO SOBRE O PERCURSO E AS
EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

BRASÍLIA

2023

FABIANA JANUÁRIO DE ARAUJO

**O COMUNICÓLOGO NEGRO: UM ESTUDO SOBRE O PERCURSO E AS
EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional. Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Amélia Paiva Abrão.

BRASÍLIA

2023

FABIANA JANUÁRIO DE ARAUJO

**O COMUNICÓLOGO NEGRO: UM ESTUDO SOBRE O PERCURSO E AS
EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

A Comissão Examinadora, abaixo
identificada, aprova o Trabalho de Conclusão
de Curso em Comunicação Organizacional da
Universidade de Brasília da discente.

Prof^a Dr^a Maria Amélia Paiva Abrão
Professora-Orientadora

Prof^a Dr^a Elen Cristina Galdes
Professora-Examinadora

Prof^a Dr^a Luísa Guimarães Lima
Professora-Examinadora

Dedico este TCC a você que está chegando depois de mim.
Não tenha medo dos muros gigantescos deste lugar sem paredes!
Aproveite-se da riqueza da tua visão de mundo,
pois não tem viagem pra Europa que traga
o que nossa favela e nossa luta entregam de inspiração.
Meus pretinhos e pretinhas universitários, vocês já conseguiram, arrebentem!

AGRADECIMENTOS

Essa seção de agradecimento poderia ser inteiramente dedicada à Maria de Fátima Silva de Araujo, que me acompanhou dia após dia nesses longos anos. Já fui questionada diversas vezes sobre como consigo ter força, todos esses anos, pra sair de casa às 6h e voltar às 00h e, neste momento, torno público que é ela a minha força. Só ela sabe tudo que passamos desde o dia em que pulávamos de comemoração, na sala de estar, ao saber da aprovação no vestibular até a entrega deste TCC. Só nós duas sabemos como esse momento foi esperado e tudo que foi necessário para, finalmente, poder dizer que “a filha caçula da Dona Fátima é graduada na Universidade de Brasília”. Não só agradeço como afirmo: É por você, mãe!

Agradeço à Família Araújo - minha torcida organizada em todas as empreitadas - especialmente à minha amada vó, Maria Silva.

Agradeço a mim, pelo “corre”, pela força e pela capacidade de se virar. Finalmente, alguém da família Januário e Araújo vai se formar em uma universidade pública.

Agradeço a todos os mestres que me apresentaram o mundo inteiro sem precisar sair da sala de aula, em especial à minha professora-orientadora Maria Amélia que executa, com imensa dedicação, a arte de ensinar e que me acolheu com tanto zelo nesse último desafio da jornada. Além disso, à Professora Ellen Geraldine por sua sensibilidade em me dar um livro e escrever nele uma dedicatória¹ que salvou minha graduação em diversos momentos.

Por fim, destaco o meu pai e mentor Ailton Raimundo Januário, que em 11 anos deixou todos os ensinamentos necessários para que eu carregue para o resto da vida. Ele não chegou a concluir nem o Ensino Fundamental, mas me ensinou desde cedo que só a educação abre portas - que os anjos levem essa boa notícia e que o senhor fique orgulhoso, pois, agora, nós temos o diploma de uma das melhores universidades do país.

¹ Para Fabiana, que dorme tarde e acorda cedo. Que tem senso crítico, escreve bem e se esforça. Que nem sempre fala, mas pensa muito. Seu lugar é aqui! Não desanime. Conte comigo e brilhe na comunicação.

“Quem cultiva a semente do amor, segue em frente não se apavora, se na vida encontrar dissabor, vai saber esperar sua hora.”

(PILARES, Xande; Revelação, 2010)

RESUMO

Este estudo busca identificar de que maneira a formação em Comunicação impacta a vida de um jovem negro, do seu entorno e da sociedade como um todo. Bem como, compreender as experiências do percurso formativo dos estudantes negros da Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília para, então, refletir quanto à verdadeira prática da inclusão, educação e cidadania. Para isso, a análise foi feita a partir de entrevistas em profundidade de roteiro estruturado com jovens negros em diferentes períodos da graduação, além de análises de dados sobre o quadro discente do curso desde 2010 até os dias atuais. Em uma área com tamanha influência de mudança social e racial é ainda mais importante ter profissionais diversos, entretanto por meio da pesquisa foi possível concluir que o curso em questão traz uma série de desafios que perpassam o ingresso até a pós-formação da população negra.

Palavras-chave: desigualdade racial; cotas; estudantes; ensino superior; cidadania; educação

ABSTRACT

This study seeks to identify how training in Communication impacts the life of a young black man, his surroundings and society as a whole. As well as, understanding the experiences of the training path of black students in Organizational Communication at the University of Brasília to then reflect on the true practice of inclusion, education and citizenship. For this, an analysis was carried out based on in-depth structured interviews with young black people in different periods of graduation, in addition to data analysis on the course's student population from 2010 to the present day. In an area with such influence of social and racial change it is even more important to have diverse professionals, however through research it was possible to conclude that the course in question brings a series of challenges that permeate the entry to post-graduate training of the black population.

Keywords: racial inequality; quotas; students; University education; citizenship; education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - População residente por raça 2012-2022

Figura 2 - Média da renda individual por raça

Figura 3 - Jovens de 15 a 17 anos que frequentam ou concluíram o Ensino Médio no Brasil

Figura 4 - Raça dos adultos (com idades entre 18 e 65 anos) com ensino superior completo

Figura 5 - História da sociedade

Figura 6 - Comunicação e sociedade

Figura 7 - Diversidade e oportunidade

Figura 8 - Comunicação Organizacional

Figura 9 - Entrevistados do Curso de ComOrg

Figura 10 – Porcentagem de estudantes por raça em ComOrg

Figura 11 – Como os estudantes negros ingressaram no curso de ComOrg entre 2010 e 2023

Figura 12 – Jornada dos estudantes negros no curso de ComOrg entre 2010 e 2023

Figura 13 - Diferenças entre os alunos de ComOrg ao longo dos anos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ComOrg - Comunicação Organizacional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

FGV - Fundação Getúlio Vargas

UnB - Universidade de Brasília

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

TIC's - Tecnologias da informação e comunicação

STI - Secretaria de Tecnologia da UnB

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

EJ - Empresa Júnior

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	11
2.1 Cidadania, educação e raça	11
2.2 Comunicação e sua importância	22
2.3 Expectativas e o futuro da área	27
2.4 A pesquisa empírica	30
3. ANÁLISE DOS DADOS	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
6. APÊNDICES	50

1. INTRODUÇÃO

Iniciamos este TCC em primeira pessoa, com o eu-narrador, pois não encontramos outra maneira de começar esta pesquisa senão por nossa própria vivência para depois voltarmos ao plural, à discussão teórica através da reflexão com diversos autores as análises dos resultados das entrevistas.

Dessa forma, a **justificativa** do tema que escolhi, tem como ponto de partida a minha própria trajetória. Nasci uma menina extremamente comunicativa, a vida de modelo/miss me tornou uma comunicadora e, finalmente, estou prestes a me tornar também uma comunicóloga.

A paixão por aprender e a determinação me fizeram a aluna destaque de todas as escolas públicas que passei. Posso afirmar que agarrei todas as oportunidades que apareceram com nada menos que o meu melhor, mas aos poucos fui entendendo que apesar do meu potencial e esforço, essas oportunidades eram extremamente limitadas por diversos fatores. Assim, em algum momento da vida, me peguei pensando: “Por que não posso fazer inglês? Por que tenho que trabalhar aos 12 anos? Por que não posso conhecer outros países? Por que não consigo fazer curso de balé, canto, violão ou informática?”.

Estava no final do Ensino Médio, quando passei pela transição capilar¹ e algumas “fichas caíram”: foi quando me entendi como negra, depois como pobre, depois como periférica e depois como parte de estatísticas que já desenhavam meu futuro. Dentre tantos esclarecimentos, percebi que pra chegar onde meus sonhos ousaram me ver, eu precisaria dar muito mais do que o meu melhor. Como marca desse momento vem a Bia Ferreira, naquele vídeo do Youtube que marca mais de 13 milhões de visualizações (ou arrepios) dizendo assim: “Existe muita coisa que não te disseram na escola, cota não é esmola! Experimenta nascer preto na favela pra você ver, o que rola com preto e pobre não aparece na TV. Opressão, humilhação, preconceito, a gente sabe como termina, quando começa desse jeito, desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais, cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais”. Ela parecia estar falando comigo, pois cantava situações tão específicas como sobre os tantos “nãos” que eu ouvi de motoristas de ônibus, professores, colegas de classe e etc; ou sobre chegar nas aulas atrasada com uniforme de trabalho e ver os outros alunos limpinhos com roupas confortáveis (Nossa! Como eu desejei poder tomar um banho antes das aulas) e

¹ É o nome dado ao período em que o cabelo está se desprendendo da química para assumir a sua aparência natural, normalmente, é um processo de deixar o uso de alisantes para assumir o cabelo cacheado.

ser motivo de chacota; sobre a falta de dinheiro em casa que me fez virar principal provedora da família aos 14 anos; ou sobre o cansaço físico e mental por uma rotina que sempre começou às 6h terminando lá pra meia-noite. Só que agora entendo que ela parecia falar comigo porque, nós, o povo negro, temos essa “veia” guerreira parecida mesmo. Para além da nossa cor, trança, nariz, boca e black power. Esta é a grande similaridade: A luta.

Desde então, venho modificando completamente a minha vida e a da minha família. E para isso, precisei correr contra o tempo, então durante o curso de ComOrg, finalizei uma graduação EAD em *Marketing* e uma pós-graduação em *Branding*, o que me possibilitou estar hoje em um cargo de liderança, e animada pelo futuro com o peso da UnB no currículo. Enfim, depois de 6 anos de muitos esclarecimentos, choros e alegrias, estou prestes a realizar um dos maiores sonhos da minha vida, só que antes disso, preciso falar um pouco de como foi a minha trajetória e de como tem sido a de tantos outros.

Este trabalho é fruto de minha grande inquietação e de muitas observações decorrentes dos meus seis anos como discente da Faculdade de Comunicação, no período noturno, da Universidade de Brasília (UnB). Desde o início da graduação, somos levados a entender as teorias que fundamentam cada peça do grande quebra-cabeça da Comunicação, para, a partir disso, pensarmos criticamente sobre cada ponto, de forma a contribuir com trabalhos inovadores no nosso futuro profissional.

É de suma importância reforçar que, na área de Comunicação da Universidade de Brasília é possível escolher entre as habilitações de Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Audiovisual ou Comunicação Organizacional (ComOrg), sendo esta última, a única ofertada no período noturno. Assim, ela tem especificidades muito interessantes como, por exemplo, a nota de corte/concorrência menor e a possibilidade do aluno trabalhar em horário comercial.

Considerando que, historicamente, os negros têm tido maior dificuldade no acesso ao ensino superior, conforme consta no Mapa do Ensino Superior no Brasil 2020, divulgado pelo Instituto Semesp, dos jovens entre 18 e 24 anos, apenas 14,7% que se autodeclaram pretos e 11,7% dos que se autodeclaram pardos estão matriculados em uma graduação. O mesmo mapa mostra que 40,3% dos alunos das instituições públicas trabalham enquanto avançam nos estudos. É certo que, o quadro de discentes do curso de Comunicação Organizacional se apresenta como o mais interessante para se refletir sobre quem são esses comunicólogos que estão chegando ao mercado, assim como para explorar toda essa trajetória pré, durante e pós formação.

Nesta perspectiva, a **questão-problema** que nos guia é: Como é o percurso formativo em Comunicação Organizacional na UnB para o discente negro e quais os possíveis impactos dessa formação tanto em sua vida no seu entorno, como na sociedade em geral?

Dessa forma, nosso **objetivo geral** é refletir sobre todos os fatores que permeiam o percurso acadêmico de um Comunicólogo negro, assim como, os impactos esperados após a formação acadêmica.

Os **objetivos específicos** são:

- Identificar as razões que fazem os alunos negros a optarem pelo curso de Comunicação Organizacional;
- Relatar os principais desafios encontrados por estudantes negros de ComOrg no decorrer da sua formação acadêmica;
- Levantar as principais expectativas que o futuro comunicólogo negro tem após a formação;
- Discutir em que medida a diversidade contribui com mudanças na academia, no mercado de trabalho e na própria área de Comunicação;

Sobre a revisão da literatura que fundamenta o presente estudo, a dividimos em três partes: 1) Educação, cidadania e raça; 2) Comunicação e a sua importância; 3) O futuro da Comunicação. Quanto à “Educação, cidadania e raça” inter-relacionamos questões raciais e sociais no âmbito educacional e o conceito de cidadania – é necessário refletir sobre o ensino superior e seus desafios. Na parte sobre “Comunicação e a sua importância”, refletimos sobre a relevância da Comunicação para a sociedade, de forma a colocar em relevo a importância da oportunidade de estudo e do acesso à área para as pessoas de todas as raças, gêneros e classes sociais. Por último, procedemos a uma reflexão teórica sobre “O futuro da Comunicação”. Nesta última parte, focamos nos estudos que permeiam o futuro da área que associa os temas-chave do presente instrumento: educação, cidadania, raça e comunicação.

Ao final, revisamos os estudos que trazem embasamento à análise metodológica escolhida para esta pesquisa, a fim de colher as informações necessárias. Para alcançar tais objetivos, entrevistamos jovens negros, estudantes do Curso de Comunicação Organizacional, adotando uma abordagem qualitativa, com entrevista em profundidade e questionário semi-estruturado, considerando diferentes estágios de formação do entrevistado: calouro, veterano, formando e egresso.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 CIDADANIA, EDUCAÇÃO E RAÇA

Como “só uma sociedade sem classes - uma sociedade socialista - pode realizar o ideal da plena cidadania, ou, o que é o mesmo, o ideal da soberania popular e, como tal, da democracia” (COUTINHO, 1999, p.53). O conceito de cidadania tem aparecido cada vez mais diverso e até mesmo em percepções contrárias. Nesta pesquisa, levaremos em conta os que trazem, principalmente, uma perspectiva partindo da sociologia do hoje e amanhã (MARSHALL, 1963), ou seja, reflexões que estão levando em consideração toda a complexidade que envolve a cidadania na atualidade, muito diferente da Grécia Antiga (MUNANGA, 2005). Para Munanga (2005, p. 58): “uma das principais características da modernidade é a presença nela de um processo dinâmico e contraditório, mas de certo modo constante, de aprofundamento e universalização da cidadania”, ou seja, é importante levar em conta toda a lógica de funcionamento do mundo atual para entender o atual cidadão.

Considerando que “[...] os termos cidadão e cidadania geralmente remetem ao indivíduo pertencente a uma comunidade e portador de um conjunto de direitos e deveres” (FERREIRA; FERNANDES, 2013, p. 145), para além da ótica jurídica, onde a visão conceitual e prática de cidadania aparece no formato de lei e obrigatoriedade, assim como considerar todas as pessoas iguais (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988), torna-se necessária a contextualização com o mundo atual olhando por diversos outros fatores a natureza desta cidadania: “Se o conceito tradicional de cidadania remete para a ideia de uma relação de pertença (a uma comunidade, a uma cultura, a uma nação), qual a capacidade heurística desse conceito numa sociedade onde as relações de pertença são múltiplas, fragmentadas, passageiras?” (PAIS, 2005, p.64). PAIS traz como exemplo os jovens que de algumas formas ocupam e se sentem pertencentes a sua cidade quando utilizam os ambientes urbanos para andar de skate e que trazem a cultura juvenil mostrando formas práticas de caminhar por uma cidadania mais fluida e empática.

Há também outros aspectos quando falamos de cidadania, como a questão da desigualdade, que pode até ser aceitável, a partir do ponto em que a outra pessoa é reconhecida: “há uma espécie de igualdade humana básica associada com o conceito de participação integral na comunidade — ou, como eu diria, de cidadania - o qual não é inconsistente com as desigualdades que diferenciam os vários níveis econômicos na

sociedade” (MARSHALL, 1963, p.62). Ao refletir sobre esses conceitos nos tempos atuais, basta apenas abrir os olhos e dar uma volta pelas ruas para ter a total clareza do que é cidadania por visualizar as consequências ocasionadas pela falta ou má administração da vida pública, como aponta José Luís Bizelli (2015, p.27):

Uma cidade dividida em guetos, com altos índices de violência; uma cidade que separa ricos de pobres, ou o trabalho do lazer; uma cidade inóspita a portadores de deficiências auditivas, visuais ou de fala; uma cidade que nega acesso aos centros de saúde, ou ao pronto atendimento emergencial, ou às escolas públicas; que não trata os seus resíduos, que não é sustentável, que não universaliza acesso à internet; enfim, uma cidade que não permite acesso à vida saudável e civilizada moderna”

Em suma, nota-se que a cidadania foi por muito tempo uma luta por liberdade e, hoje, é um fenômeno que vai além do ato de escolher os políticos da nossa cidade ou de expressar nossas vontades e opiniões. Ela também é o nosso acesso, por exemplo, a cargos empresariais que almejamos, a boas instituições de ensino, a um transporte público de qualidade, a poder andar nas ruas com segurança, dentre várias outras questões práticas, ou seja, “uma cidadania plena que combine liberdade, participação e igualdade para todos é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico” (DE CARVALHO, 2015, p.15)

Logo, ao pensarmos sobre a cidadania fica a hesitação de qual o ângulo de observação ideal: lutar por igualdade ou assumir a total discrepância dela. O que fica claro é que, para além desse questionamento, é importante termos consciência da importância dos direitos ou a pelo menos entendê-la como direito, afinal: “dominar os códigos e ter a capacidade de refletir sobre o mundo são requisitos instrumentais indispensáveis para estar incluído na sociedade do conhecimento, ou seja, para adquirir status de cidadão no mundo moderno” (BIZELLI, 2015, p.19). Bizelli aborda as deficiências do sistema enquanto incentivador desse senso crítico e, principalmente, de deixar de ser o principal provocador dessas reflexões em busca de uma sociedade menos excludente. Aqui, fica claro o encontro de cidadania com a educação.

Ao refletirmos quanto à educação brasileira, é fácil identificar um sistema deficitário ao analisarmos os altos índices em problemas como o analfabetismo e a evasão escolar (apesar dos investimentos financeiros que chegam próximos à países de 1º mundo) por conta de todo um passado de descaso e corrupção, por exemplo. Formou-se então uma “bola de neve” que culmina em um gigantesco desafio que entre as várias desigualdades estruturais do

Brasil aparece como uma das mais determinantes para a justiça econômica, social e cultural como retrata Lilian Schwarcz (2019).

Voltando para a etimologia de Educação, a palavra vem do verbo “educar”, que em latim é *educare*, o encontro do derivado de *ex* que significa “fora” e *ducere*, que é “guiar”, “instruir”, “conduzir”. Assim, compreende-se que educação é “guiar para fora” como contribui Martins (*apud* ROMANELLI,2009). Ao refletirmos quanto a esse conceito é possível concluir: “a educação é, portanto, uma incentivação, um alimento, um cultivo. Todas essas palavras subentendem atenção a condições de crescimento” (DEWEY, 1979, p. 11).

Abordando a perspectiva levantada anteriormente de que a educação é o meio capaz de levar a visão de mundo para além de si, é fácil relacionar ao sentido de cidadania que também requer esse olhar. Martins (2010) lista formas ideais e práticas de trabalhar os dois conceitos conjuntamente:

Propomos assim oito grandes temáticas a considerar actualmente, e no futuro, numa educação para a cidadania:

- Estado e nação – Leis, princípios, instituições e órgãos de soberania, nos regimes democráticos.
- Religião e religiões enquanto manifestação de cultura e espiritualidade.
- Relação do ser humano com a natureza, ambiente e organização socioeconómica.
- Diversidade de raças, etnias e culturas – multiculturalidade e inclusão social.
- Estrutura e papel da família e papéis associados ao género no trabalho e na família.
- Saúde e qualidade de vida (incluindo aspectos como: desporto, alimentação, segurança, higiene e sexualidade).
- Civilidade, convivência social e regulação das relações interpessoais.
- Média e novas tecnologias da informação e da comunicação, e como os utilizar de forma eficaz, com segurança, e eticamente.

A autora Maria José (2010), ainda expõe que os desafios do meio educacional, podem ser superados ao caminharmos paralelamente com o olhar cidadão, e vice-versa, ela relata que o aumento das possibilidades de se relacionar ampliam o conhecimento à diversidade e identidade; que a chegada das novas tecnologias conecta todo o mundo e pode dar voz aos grupos que ficam inviabilizados; assim como o amplo e fácil acesso à informação empodera o povo. Isto é, via de regra, pois essas ferramentas sem a participação conjunta da cidadania e educação podem também causar o efeito contrário como o descaso com a heterogenia, exclusão de minorias e desinformação. O fato é que: “saber pesquisar, escolher, comparar e produzir novas sínteses, individualmente e em grupo, é fundamental para ter chances na nova sociedade que estamos construindo” (MORIN, 2007, pg.8).

Mais do que nunca, as escolas e a universidades deveriam levar em conta que para além da grade curricular obrigatória, é preciso se atentar para outros fatores que são tão importantes quanto: “educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é

uma coisa; educar para a compreensão humana é outra” (MORIN, 1921, p. 93). Esse deveria ser o processo natural, afinal a educação relacionada à cidadania é, inclusive, um direito assegurado na Constituição Federal (1998):

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Entretanto, como a observação de Moran (2007) aponta, em uma busca rápida por exemplos educacionais que são extremamente atrasados e precários, ou inovadores e revolucionários, é possível encontrar os dois cenários. Isso se dá pois “a educação tanto é um fator de mobilidade – para os que a têm – quanto de exclusão – para os que não a têm” (CASTRO, 2006, p.132), ou seja, a educação é uma questão política para os oprimidos, prova disso é que essa visão positiva de que o Estado deveria garantir educação igualitária para todos é uma utopia na vida dos jovens negros das zonas periféricas, por exemplo.

Estes, como retrata Mano Brown (2002) na música “Nego Drama”, recebem apenas o mérito e a farda que pratica o mal, virou algo natural, essa parcela da população aparecer sempre como a população que é pobre, presa e morta: “ser negro no Brasil é, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta” (SANTOS, 2000, p. 4).

A autora Lilia Schwarcz fala sobre essa desigualdade que por mais complexa que seja, não é algo sem solução, e sim, uma escolha, afinal (como relatado anteriormente) o recurso financeiro e propostas governamentais estão ocorrendo, entretanto, fica o questionamento quanto a quem optou por essa seleção e que tem se beneficiado dela: “uma profusão de estatísticas oficiais demonstram como as populações afrobrasileiras são objeto direto da ‘intersecção’ de uma série de marcadores sociais da diferença que acabam condicionando, negativamente, sua inclusão na sociedade, com um acesso mais precário à saúde, ao emprego, à educação, ao transporte e à habitação” (SCHWARCZ, 2019, p. 8). Aqui, temos exemplos claros da relação entre educação, cidadania, e de como ambas têm sido negadas para determinadas raças/etnias, Munanga (1988) já concluía:

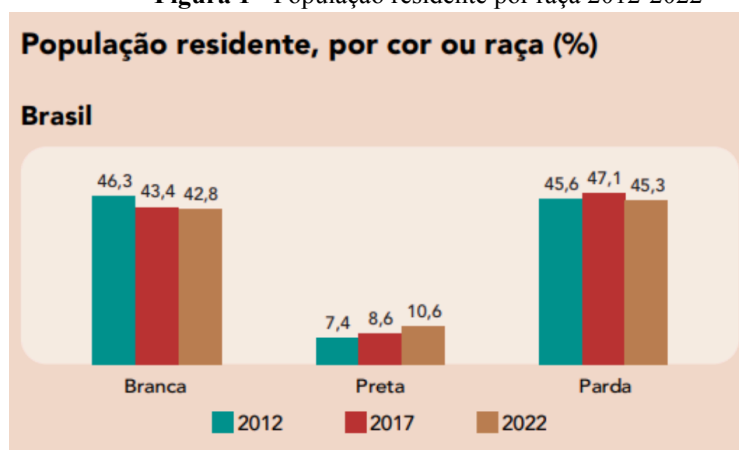
a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de "exclusão". Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em

afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania. (MUNANGA, 1988, p. 147).

Visto isso, fica claro que ao analisarmos o processo educacional e de cidadania pela ótica racial, o desafio fica ainda maior, pois não é justo que os variados grupos étnicos sejam tratados como iguais, mas, definitivamente, não é o caminho correto serem tratados com tamanha diferença. “num país como o Brasil, ou melhor, em todos os países do mundo hoje pluralistas, as relações entre democracia, cidadania e educação não podem ser tratadas sem considerar o multiculturalismo” (MANUNGA, 2005, p.6), pois só obtendo consciência do passado e do presente em trocas de narrativas que sejam reais e positivas, como o orgulho pela identidade negra que vai tomar o espaço da dúvida, que domina na autodeclaração dos brasileiros. Afinal, o processo de apagamento de um povo e sua cultura, sempre ocorreu por meio de insultos e depreciações (FANON, 2022). E a prova que isso se mantém é a popularização de termos como “mimimi”¹ direcionado à lutas sociais contra o racismo, sexismo e classismo, entre outras pautas.

Para o melhor entendimento quanto à identidade de raça/etnia, nesta pesquisa levaremos em conta o parâmetro do IBGE que define raça ou cor por autodeclaração. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, 42,8% dos brasileiros se declararam como brancos, 45,3% como pardos e 10,6% como pretos, como mostra o gráfico abaixo:

Figura 1 - População residente por raça 2012-2022



Fonte: IBGE 2012/20222

¹ Termo utilizado em contexto informal para descrever ou ofender uma pessoa que chora ou reclama

Entretanto, é preciso reforçar que existem inúmeros e até contrários conceitos de raça. Isso ocorre tanto pelas tentativas de embranquecimento da população (LACERDA, 2021), quanto pela tentativa de apagamento da identidade negra feita por meio do discurso de mestiçagem. É claro que precisamos levar em conta, a questão biológica, histórica e ancestral, mas no Brasil do século 21 já deve ser claro, para todos que se afirmam como antirracistas (DAVIS, 2016) - o que todo mundo deveria ser² - as questões sociais, culturais e políticas que também são indicativos da identidade negra. Como retrata Munanga (2019):

Em primeiro lugar é importante frisar que a negritude, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica.

De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental "branco" reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

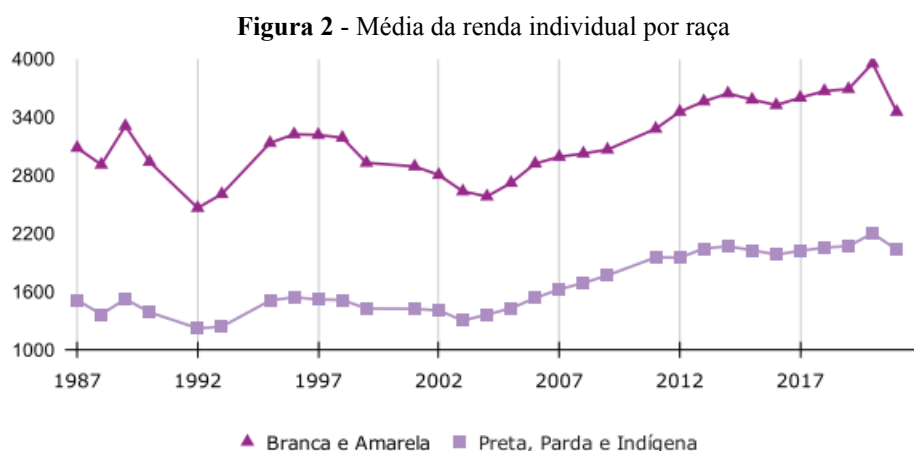
Dito isso, o sociólogo Rafael Guerreiro Osório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), complementa com uma descrição de maior detalhamento quanto aos indicativos que existem e quais são utilizados no IBGE:

Um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de uma classificação, sejam estas manifestas ou latentes. O terceiro método é a identificação de grandes grupos populacionais dos quais provieram os ascendentes próximos por meio de técnicas biológicas, como a análise do DNA (...). No sistema classificatório do IBGE, são empregados simultaneamente os métodos da autoatribuição e da heteroatribuição de pertença (OSÓRIO, p. 07, 2003).

Como vimos até aqui, diversos fatores sociais podem impactar diretamente a vida de um cidadão, principalmente o negro, mas nada comparado ao potencial de mudança social através da educação. A pesquisa "Você no Mercado de Trabalho" da Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta que para cada ano de estudo, a renda aumenta 15%, em média. E ainda complementa: “o salário médio de uma pessoa analfabeta está em R\$ 401, enquanto para aqueles que possuem pós-graduação este valor é de R\$ 5.027” (FGV, 2010). Assim, negar o direito à educação de qualidade, é abortar uma grande chance de mudança social.

² A professora e filósofa Angela Davis, o movimento Panteras Negras durante a década de 1970, fala: “numa sociedade racista, não basta não ser racista: é preciso ser antirracista“. Ou seja, para além de não ser racista, é preciso ser aliado da luta, o indivíduo toma para si a responsabilidade pela erradicação de preconceitos.

O gráfico do Relatório das Desigualdades Raciais, a seguir aponta que a condição socioeconômica também é discrepante entre grupos étnicos:



Fonte: Relatório das Desigualdades Raciais (2022)

Depois de 135 anos da abolição da escravidão, a lógica do rico e do pobre permanece muito parecida, a herança do povo preto é o racismo, já para o povo branco a riqueza é hereditária. A roda do dinheiro gira com uma engrenagem tão bem estruturada que quando um preto fica rico sai até no jornal e o objetivo da pauta tem sempre um tom de “mostra pra eles que só não consegue, quem não quer”, mas, na verdade, “no contexto brasileiro, o discurso da **meritocracia** é altamente **racista**, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial (ALMEIDA, 2019, p. 82, grifo nosso).

O racismo estrutural faz com que a população negra trabalhe e estude até a exaustão na tentativa de vencer os “nãos” que já estão estabelecidos desde o seu nascimento, e ainda assim, ela não consegue romper o ciclo de pobreza que permeia a sua família. “Trata-se, na realidade, de uma forma do *apartheid* à brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil” (SANTOS, p. 4, 2000).

Assim, podemos afirmar que “a desigualdade se manifesta ao longo de toda a existência dessas pessoas e por meio de diversos indicadores socioeconômicos, numa combinação impiedosa de vulnerabilidade social e racismo que os acompanha pela vida inteira” (SCHWARCZ, 2019, p.9). Para retratar os desafios de acesso e permanência em instituições de ensino, podemos trazer a suposição de Munanda (2001, p.33):

se por um passe de mágica, os ensinos básico e fundamental melhorassem seus níveis para que os alunos pudessem competir igualmente no vestibular com os estudantes oriundos dos colégios particulares bem abastecidos, os alunos negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível dos alunos brancos. Isso supõe

que os brancos fiquem parados em suas posições atuais esperando a chegada dos negros, para juntos caminharem no mesmo pé de igualdade.

Certamente, não há na colocação acima a menor probabilidade de isso acontecer e também não é um ataque aos brancos - como o famoso “racismo reverso” que gostam de levantar em discussões como esta. Como aborda bell hooks (2019), um cuidado não precisa anular o outro, apesar de aparentar com constância o contrário - mas, sim, para afirmar que decretos como, por exemplo, o que foi adotada pelo Brasil de nº 65.810, de 8 de dezembro de 1969, precisam existir, mas não são suficientes para cumprir o objetivo proposto:

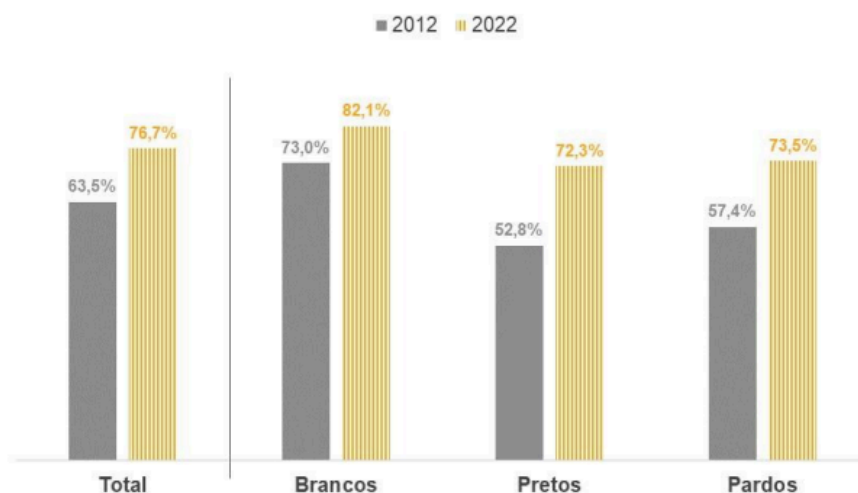
qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício num mesmo plano, (em igualdade de condição), de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de vida pública (BRASIL, 1969).

A desigualdade ocorre para além do acesso às instituições de ensino, pois até mesmo os que conseguem acessar lugares com as pessoas mais ricas, têm desafios diários para avançar e completar os estudos, isso ocorre pois a inclusão não é pensada sob a ótica de todo o ecossistema que o indivíduo será inserido. “Quem tem mais renda pode frequentar escolas melhores, pode dedicar mais tempo aos estudos, tem acesso a livros, revistas, computador e internet, e recebe apoio adicional quando tropeça nos estudos” (CASTRO, 2006, p. 129), realidade essa, que nem de perto se parece com a de jovens negros e pobres. Castro apresenta a informação de que o Ensino Fundamental das escolas públicas recebe em torno de 1/10 do investimento que o Estado investe no Ensino Superior, sendo que este último tem, majoritariamente, como corpo discente: Jovens ricos e brancos. Com base nos dados da PNAD Educação (2019), temos que a rede pública de ensino é responsável por 82% dos estudantes do ensino fundamental e 87,4% do ensino médio. Já a rede privada atendeu 73,7% dos estudantes de graduação e 74,3% dos alunos de pós-graduação. Assim, torna-se contraditório que o orçamento público esteja com altos gastos no Ensino Superior e, não, na Educação Básica.

Os dados da PNAD Educação (2019), indicam que 10 milhões de jovens brasileiros entre 14 e 29 anos correspondem ao número total de evasão escolar antes da educação básica, ocorre que 70% destes jovens são estudantes pretos e pardos, pois necessitam trabalhar. Além disso, como mostra o gráfico abaixo, os adolescentes pretos e pardos estão com uma década de atraso em relação aos estudantes brancos, lembrando que vários deles nem chegam a

aparecer no levantamento da ONG Todos Pela Educação (2023), pois largaram o estudo ou estão em etapas anteriores. Observamos que houve uma melhora entre os anos de 2012 a 2022, mas percebe-se que ainda há uma diferença percentual entre os estudantes pretos e pardos e os brancos que conseguem concluir o ensino médio no Brasil.

Figura 3 - Jovens de 15 a 17 anos que frequentam ou concluíram o Ensino Médio no Brasil



Fonte: IBGE 2012 - 2022

Agora, que já temos algumas informações, como a do gráfico acima, que evidenciam a impossibilidade de ascensão social de famílias negras, e que esta é uma prática que fere as leis do nosso país, além de informações sobre o apagamento da identidade negra no Brasil, podemos afirmar que a privação do conhecimento é também uma forma de impedir o entendimento de mundo, de aspirar por outras formas de viver e de promover grandes revoltas. Nas palavras de Conceição Evaristo (2020, p. 53), “se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, [...] a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar”. Como também descreve Carolina Maria de Jesus (1986):

vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance Escrava Isaura.[...] Deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão. [...] Eu lia o livro e retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. (JESUS, 1986, p. 126-7)

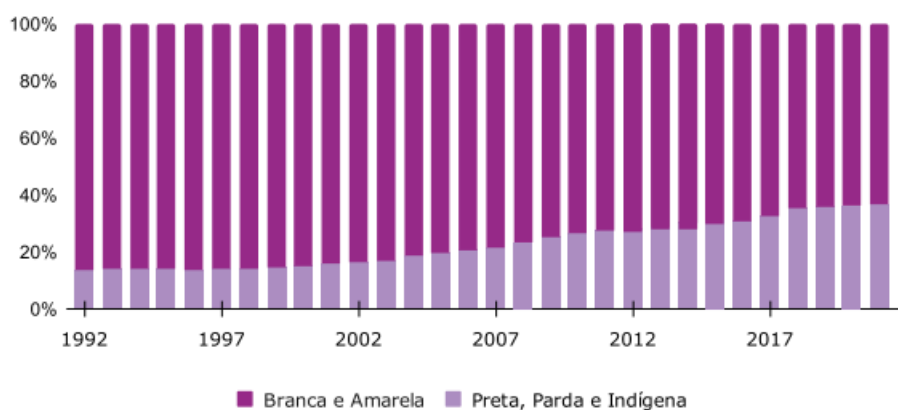
Ainda fazendo alusão aos retratos do período de escravidão do livro “Diário de Bibita”, é possível notar que há resquícios e similaridades que permanecem até hoje, como quando ela consegue mudar pra São Paulo, realizando assim o grande sonho. Ela sonhava mesmo imersa em tanto sofrimento e caos, pois lá parecia um lugar de outro planeta, que mudava vidas e onde ela conseguiria, no mínimo, ter dignidade para viver. Ocorre que, muitas vezes esta também é a visão do negro ao ingressar no ensino superior.

Com a implementação das cotas socioeconômicas e raciais, e demais políticas públicas neste mesmo sentido, é possível percebermos e nutrirmos as esperanças de que o mundo já evoluiu muito e hoje temos a entrada exponencial de pessoas negras no corpo discente do Ensino Superior, mas, assim como nos ensinamentos anteriores, é importante perceber com quais condições tem ocorrido essa participação e, principalmente, se decretos como esse já são suficientes para equiparar as diferenças citadas:

Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso em universidades e instituições federais e determina, em seu Artigo 3º, que: Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2012).

No ensino superior, de acordo com pesquisa aplicada pelo Ipea (2020), as taxas de acesso de grupos minoritários aumentam, mas a população negra ainda corresponde a cerca de 30% das pessoas com ensino superior completo em idade regular. E considerando que dentre a população com 25 anos ou mais, apenas 9,3% dos negros tem ensino superior completo. Ao olhar os gastos públicos, é pertinente retomar que esse indicativo não exclui os que o realizam em faculdades particulares.

Figura 4 - Raça dos adultos (com idades entre 18 e 65 anos) com ensino superior completo



Fonte: Relatório das Desigualdades Raciais (2022)

Quanto a trajetória na universidade, a ativista e professora bell hooks divide diversas práticas que podem ser efetivas no senso de pertencimento destes formandos negros, de forma a equiparar este gráfico. Como, por exemplo, um ambiente que tenham debates, pesquisadores e professores negros são fatores que acolhem e motivam. Ser negro, não significa só pesquisar sobre e negritude, mas, definitivamente, também não é só querer ver o mundo como o branco. Além disso, é necessário adaptar todo o ambiente de ensino para que eles sintam livres em um espaço que caiba a realidade dele:

Quando nos comprometemos com a educação como prática da liberdade, participamos da construção de uma comunidade acadêmica onde podemos ser e nos tornar intelectuais no sentido mais completo e profundo da palavra. Participamos de um modo de aprendizagem e de existência que torna o mundo mais real ao invés de menos real, que nos possibilita viver livremente e por completo. Essa é a alegria em nossa jornada (HOOKS, 2019, p. 15).

A autora ainda completa que esses alunos não vão assumir que precisam de ajuda ou que estão se sentindo solitários e deprimidos, estamos falando de pessoas que passam por problemas a vida inteira e isso também é uma característica, eles são fortes e sabem disfarçar bem as aflições. Por fim, um ponto importante é quanto a dualidade da educação que foi aprendida pelos pais, ela é boa, mas se aprender demais pode até ficar “doido”. “Um perigo bastante real, como muitas famílias negras tradicionalmente percebiam, era que a pessoa negra educada perdesse o contato com a realidade concreta da experiência negra cotidiana” (HOOKS, 2019, p. 17).

Além de enfrentar a realidade de salários menores do que os dos brancos, mesmo após a árdua missão de concluir o Ensino Superior, uma pesquisa encomendada pelo Banco Mundial, revela que cerca de 60% dos trabalhadores e trabalhadoras informais no Brasil são negros, apenas 6,3% estão em cargos gerenciais e quase metade das mulheres negras são inativas. Ou seja, mesmo superando os desafios educacionais e a barreira de entrada no mercado de trabalho, as condições de trabalho são precárias e não condizentes com a formação. “Num contexto econômico marcado por altas taxas de desemprego e pelo desemprego estrutural, agrega-se à intensa disponibilidade de mão-de-obra desempregada exigências de altos níveis de escolarização para os trabalhos mais banais, que afastam cada vez mais os negros do mercado de trabalho (CARNEIRO, 2004, p. 1).

A pesquisa do Instituto iDados, de 2020, confirma que 37,9% dos homens e 33,2% das mulheres negras com diploma de ensino superior trabalham em cargos que não exigem o diploma. A autora Schwarcz (2019) também denuncia:

Jovens pobres e negros, e que não tiveram uma trajetória escolar regular, acabam alocados em serviços temporários, recebendo uma remuneração precária. Dessa forma, apenas respondem às demandas mais imediatas, sem conseguir romper com o ciclo da pobreza em que se veem incluídos.

Ademais, é preciso ter claro quais as soluções que temos e elas precisam ser eficazes, pois o problema é urgente. “Diante deste nosso Brasil tão desigual, é hora de escolhermos as batalhas certas. A minha é por um ensino de qualidade, independente, responsável, ético e laico” (SCHWARCZ, 2019, p. 8). Inúmeras vidas e oportunidades estão sendo perdidas por acharem que propostas como a da autora são meras utopias. Na verdade, todos perdem ao não abrir portas à riqueza e contribuições que vem através da verdadeira inclusão. Como grande exemplo, temos toda a história registrada de Carolina Maria de Jesus (1960), que traz a frustração do povo negro em sua colocação: “não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora”.

A pergunta que nos vem em mente é: qual a ciência que pode ajudar a dar voz a essas pessoas que lutam contra esse poderoso sistema? Parafraseando Lilia Schwarcz, “eu enxergo a minha batalha através da Comunicação”.

2.2 COMUNICAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA

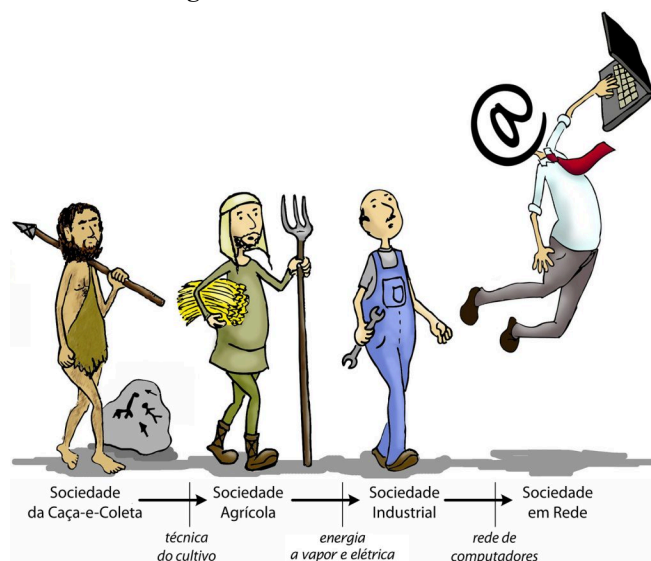
Define-se “Comunicação” como um “ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através da linguagem oral, escrita ou gestual, por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos” (COMUNICAÇÃO, 2020). Para além da teoria, é possível resumir por parte a complexidade desta área na prática, conforme Gillo Dorfles (*apud* BORDENAVE, 1986) :

A comunicação - entendida em sua acepção mais vasta, como utilização dos mass media, como comunicação escrita, falada, cantada, recitada, visual, auditiva e figurativa - está, sem dúvida, na base de todas as nossas relações intersubjetivas e constitui o verdadeiro ponto de apoio de toda a nossa atividade pensante.

Ademais, a Comunicação nomeia uma das Ciências mais importantes de todas e exige um imenso cuidado porque ela “excita, ensina, vende, distrai, entusiasma, dá status, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão, e - num paradoxo digno de infinita versatilidade - produz incomunicação.” BORDENAVE (1986, p. 9).

Dito isso, é importante retomar que a partir do século XX o mundo adota a Comunicação como Ciência nos meios acadêmicos com nomes como: Theodor Adorno, Marshall McLuhan e Paul Lazarsfeld. A Grécia Antiga já trazia o estudo da Retórica, como uma maneira de diálogo e persuasão, tornando-a área primordial para os estudantes. Com o fenômeno da globalização, as informações começam a ser passadas em tempo real para aqueles que estão “sintonizados”. Na atualidade, a internet e as redes sociais facilitaram a comunicação e encontra-se cada vez mais acessível a todos os grupos que estão *online*:

Figura 5 - História da sociedade



Fonte: Uniriotec, 2017

Logo, surgem novas tecnologias de comunicação e informação que se propagam pelo mundo como formas de difusão de conhecimento e facilitam as trocas entre as pessoas, independentemente de distâncias geográficas (RODRIGUES et al., 2014). Finalmente, a sociedade tem a chance de tirar diversas pautas da invisibilidade e alcançar todas as “bolhas” sociais de uma vez.

Ao pensar nas tecnologias de comunicação da sociedade contemporânea, principalmente, nos meios virtuais, é notório que eles influenciam em processos de autoconhecimento, empoderamento, ascensão social, resistência e percepção de mundo. Trazendo assim, um vasto leque de oportunidades para reeducar e reorganizar a sociedade. Conforme o quadro abaixo, temos o seguinte processo comunicativo:

Figura 6 - Comunicação e sociedade



Fonte: <https://kardiasociologia.org/2021/05/04/sociedade-e-comunicacao-base-cmsp/>

É de conhecimento geral, que áreas como a Saúde e o Direito são determinantes na sociedade, por isso, possuem tanto “prestígio” (estão entre as profissões mais bem pagas, por exemplo, como mostram os dados da Caged), mas há muito o que se perceber ao tratar da área de Comunicação, afinal, assim como a Educação, ela possui um efeito transformador capaz de mudar até mesmo a história. Baccega (1998) complementa:

Ocupando espaços e promovendo silêncios, os discursos dão voz a algumas posições ao mesmo tempo em que silenciam outras. O prestígio do discurso - a "autoridade" de quem emite, suas condições de produção, enfim, tudo isso - é fundamental para sua divulgação com caráter de veracidade. Logo, estar no centro da mídia é estar no centro das relações de poder. E vice-versa. (Baccega, 1998, p.8).

Alguns exemplos são citados no *podcast* “Mano a Mano” pelos comunicadores Gregório Duvivier e Mano Brown quando relembram a eficiência do discurso do ex-presidente Bolsonaro que, independente das *fake news*, dos discursos extremistas e irresponsáveis, trouxe uma forma de comunicação mais acessível que Michel Temer e Dilma Rousseff, estes apostavam em discursos técnicos e difíceis, resultando na falta de comunicação com a grande massa. É preciso levar em conta os conceitos de didática, “ não só a vida social se identifica com a comunicação de interesses, como também toda a comunicação (e, por conseguinte, toda a genuína vida social) é educativa” (DEWEY, 1959, p. 5).

Com fenômenos atuais como este ou como a clássica campanha publicitária criada por Washington Olivetto para o jornal Folha de S.Paulo em 1987, onde cita o “homem que pegou uma nação destruída, recuperou sua economia e devolveu o orgulho ao seu povo em seus quatro primeiros anos de governo”³ e ao final surpreende mostrando o rosto de Hitler, temos a clareza de que estamos falando de um poderoso meio, capaz de promover modificação

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aeweCXBU0g>

social, e mal utilizada pode virar uma “arma de destruição de massa” Cathy O’Neil (2016). Robert Entman (1993) traz uma perspectiva complementar:

A noção de enquadramento envolve basicamente seleção e saliência, sendo que esta última consiste em tornar uma informação mais “noticiável, significativa ou memorável para audiência”. Desta forma, “enquadrar é selecionar certos aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes no texto da comunicação de tal forma a promover a definição particular de um problema, de uma interpretação causal, de uma avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o tema descrito. Enquadramentos, tipicamente, diagnosticam, avaliam e prescrevem” Além disso, “o enquadramento determina como a maioria das pessoas percebe e como elas compreendem e lembram-se de um problema, da mesma forma que determina a maneira que avaliam e escolhem a forma de agir sobre ele” (Entman, 1993, p. 4).

Como, constatava Robert, quando à seleção de conteúdos que serão comunicados - o que ele chama de enquadramento - eles precisam causar identificação e conexão com o receptor, então vão sempre trazer as crenças e tendências da sociedade, enquanto profissional desta área, é preciso fazer esse trabalho do meio campo para questões como o racismo estrutural e o ciclo da pobreza, por exemplo, estejam fora do enquadramento. Ocorre um grande aumento na capacidade da realização de grandes mudanças em pautas relevantes da vida em sociedade, ao usar essas ferramentas, que estão em toda a rotina das pessoas, com este intuito. Pois os meios comunicacionais tendem a ter plena atenção e disposição para compreender esses processos sociais escolhidos:

A sociedade não só continua a existir pela transmissão, pela comunicação, como também se pode perfeitamente dizer que ela é transmissão e é comunicação. Há mais do que um nexos verbal entre os termos comum, comunidade e comunicação. Os homens vivem em comunidade em virtude das coisas que têm em comum; e a comunicação é o meio por que chegam a possuir coisas comuns. O que eles devem ter em comum para formar uma comunidade ou sociedade são os objetivos, as crenças, as aspirações, os conhecimentos — um modo comum de compreender — mentalidade similar, conforme dizem os sociólogos. Não se podem transmitir fisicamente tais coisas de uma a outra pessoa, do modo como se passam tijolos de mão em mão; não se podem dividir, como se parte um bolo em pedaços materiais. Para a comunicação assegurar a participação em uma compreensão comum, necessitará assegurar análogas disposições emotivas e intelectuais — isto é, modos análogos de reagir em face de uma atividade em perspectiva e dos meios de realizá-la (DEWEY, 1959, p. 4-5).

Por conta disso, torna-se essencial também termos a clareza de que tudo aquilo que é dito nas redes sociais, por exemplo, passou pela tradução, estratégia e interpretação de alguém. Por exemplo, uma notícia pode ser veiculada com o discurso que está ocorrendo uma “invasão” ou uma “ocupação” em determinado lugar e essa escolha de palavras torna as histórias completamente diferentes. Ou, no momento de escolha do que estará em destaque no título, no meio e no final, por isso, há muito que se preocupar ao analisar os grupos que dominam estes meios, pois o poder estará nas mãos deles.

Portanto, a inclusão de grupos com diferentes vivências e olhares pode trazer grandes benefícios, como mostra a pesquisa divulgada em 2020 pela McKinsey & Company que analisou dados de empresas situadas em 15 países, contando que as organizações com maior diversidade de gênero possuem 25% mais chances de ter uma melhor performance financeira, enquanto negócios com maior diversidade étnica possuem 36% mais chances de obter resultados financeiros positivos do que as instituições menos diversas; também transforma a vida daquele que é diretamente afetado por questões raciais; contribui na evolução da sociedade como todo e; por fim, para o lado comercial da área como mostra o quadro 2:

Figura 7 - Diversidade e oportunidade

Demanda x oportunidade



Fonte: Think whit Google

Afinal, como disse Barack Obama “O dinheiro não é a única resposta, mas ele faz a diferença” e ao olhar por este ângulo, também é uma pauta prioritária, pois o grupo não está sendo representado, logo não está convertendo. O negro olha o jornal e se enxerga como o criminoso, olha o audiovisual e é o empregado, olha pra publicidade e nem o vê, como a observação de bell hooks (2019):

Se compararmos o progresso relativo dos afro-americanos na educação e no emprego à luta para garantir algum controle sobre a forma como somos representados, especialmente na mídia de massa, vemos que houve poucas mudanças nos domínios da representação. Ao abrir uma revista ou um livro, ligar a Tv, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca (HOOKS, 2019, p. 28).

Em suma, ao visualizarmos uma comunicação menos excludente, só há ganhos. Para além disso, é um direito de todos serem representados e, uma escolha inteligente ter representatividade negra na estratégia por trás de tudo que diz respeito a essa ciência social. Afinal, ela influencia na construção daquilo que a sociedade vai aceitar ou não, ela molda realidades e cria significados. Acima de tudo, é cidadania, pois está interligada com o tema da educação, cultura, economia e política.

2.3 EXPECTATIVAS E O FUTURO DA ÁREA

Ao falar de comunicação, rapidamente, pensamos em computadores, redes sociais, algoritmos e outros códigos que para alguns grupos sociais como baixa renda ou idosos, estes veículos e meios de conhecimento, de troca, de diálogos e de poder acentuam ainda mais a segregação que foi criada há tanto tempo. A distância é tanto na presença destas pessoas nessas redes, quanto na área profissional e, conseqüentemente, econômica. Esse processo discriminador e de exclusão social pode acabar tornando-se o maior e mais complexo do planeta. Como relata a Cathy O'Neil (TED, 2017):

Os vencedores conseguem o emprego ou a oferta de um bom cartão de crédito. Os perdedores não conseguem nem mesmo uma entrevista ou pagam mais caro pelo seu seguro. Estamos sendo avaliados com fórmulas secretas que não entendemos e que geralmente não têm como serem contestadas.

As tecnologias da informação e comunicação (conhecidas como TIC's) podem ser fonte de mudanças nas questões raciais e também sociais que permeiam o mundo há anos. Pois, finalmente, possui-se uma forma de falar com todos sobre a diversidade, de tirar inúmeras pautas da invisibilidade e de conquistar avanços ao unir a sociedade que por tanto tempo percorre segregada. Mas, como aponta novamente O'Neil (TED. 2017: Youtube):

Os algoritmos não tornam as coisas justas se forem aplicados de forma cega e displicente. Não tornam as coisas justas. Eles repetem nossas práticas passadas, nossos padrões. Eles automatizam o status quo. Isso seria ótimo se tivéssemos um mundo perfeito, mas não temos.

Como afirma a Cientista de Dados Cathy (TED, 2017): “Devemos ser tradutores dos debates éticos que ocorrem na sociedade como um todo”, a prestação de conta é necessária para que algo que poderia ser usado para o bem, acabe por ser o maior silenciador da história. O processo de exclusão sócio-étnico-racial que tantos cidadãos sofrem por diversos meios, também permanece no século XXI e isso traz uma grande reflexão quanto à evolução da humanidade. Conforme afirma Lippmann (1980, p. 256):

As mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las. E, a menos que a educação nos tenha tornado agudamente conscientes, essas concepções governam profundamente todo o processo da percepção.

A cada momento a verdade, o conhecimento científico e a comunicação como um todo muda, sendo o meio comunicacional um dos mais afetados. Entre, TV digital, 5G, NFC, QR Code, Realidade aumentada, PIX, Inteligência artificial e Jogos de Aposta, às vezes é mais fácil alguém que simplesmente diga o que é a verdade ou a melhor aposta e pronto, e isso é extremamente perigoso.

Assim como coloca a pesquisadora Hooks, ao chegar em cargos altos esses negros precisam ter atitudes parecidas com os que o colocaram ali, assim as portas para outros entrarem, acabam não sendo abertas, pois “muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir ideias, especialmente aquelas consideradas opositoras. Da escravidão em diante, as pessoas negras nos Estados Unidos aprendemos a nos resguardar em nossa fala. Dizer a coisa errada podia levar à punição severa ou à morte” (HOOKS, 2019, p. 327).

Como afirma Silvio Almeida (2019):

Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo nos sistemas de ensino públicos e universalizados, o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisnormatividade. Completam o conjunto de mecanismos institucionais meritocráticos os meios de comunicação – com a difusão de padrões culturais e estéticos ligados a grupos racialmente dominantes (Almeida, p. 9, 2019).

Nesta perspectiva de futuro, o curso de Comunicação Organizacional foi criado, pois o graduado neste curso vai ter um entendimento 360° da Comunicação, estando apto a assumir cargos de gestão, por exemplo, pois vai ter noção de todas as especializações: Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e Audiovisual. O que o torna um dos cursos mais importantes da área e mais inovadores. No Projeto Pedagógico de Curso é possível aprofundar no conceito e história da graduação:

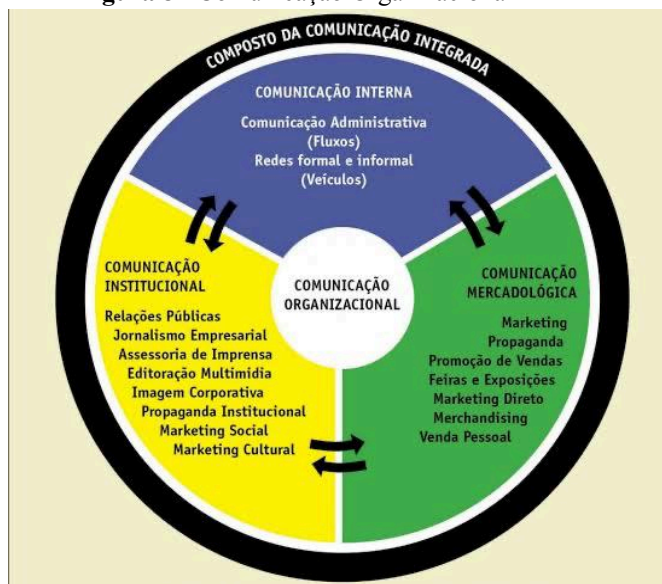
No decorrer de 2008 e princípio de 2009 foram realizadas discussões entre professores da FAC, com a participação de representantes de estudantes, sobre a implantação do curso noturno em Comunicação, no âmbito do REUNI. Nessas discussões, foi amplamente majoritária a posição de que a Faculdade não deveria simplesmente repetir no curso noturno as três habilitações ou mesmo apenas uma das habilitações do curso diurno, mas criar algo novo na instituição e somente uma habilitação. Ficou definido que o curso noturno terá um projeto pedagógico semelhante ao das habilitações diurnas, para manter a homogeneidade do ensino na Faculdade como um todo. Assim, há no curso conjuntos de disciplinas teóricas relacionadas às áreas de conhecimento da Comunicação, às teorias e prática do Jornalismo, da Publicidade e Propaganda, do Audiovisual e de Relações Públicas, assim como disciplinas relacionadas ao planejamento e gestão da Comunicação em organizações públicas, privadas e do terceiro setor.

As discussões que resultaram na proposta do curso noturno partiram do princípio de que há uma demanda crescente no mercado de trabalho por profissionais que, além de uma boa formação teórica e técnica, sejam capazes de planejar, formular estratégias e gerir projetos de Comunicação em consonância com a responsabilidade social, as questões éticas, profissionais e as demandas da sociedade como um todo.

A denominação Comunicação Organizacional para o novo curso foi escolhida tendo em vista que expressa hoje no Brasil, Estados Unidos e países europeus, entre outros, as atribuições, funções e técnicas de Comunicação utilizadas por organizações, empresas e instituições públicas, privadas e do terceiro setor no mercado de trabalho. Trata-se de um campo de conhecimento específico, com suas teorias e técnicas, que também vem ampliando seus espaços no campo da pesquisa acadêmica. (PCC, 2011, p. 4)

A Figura abaixo, produzida por Kunsh (2006), resume o que envolve a Comunicação Organizacional, o que a autora chama de Composto da Comunicação Integrada.

Figura 8 - Comunicação Organizacional



Fonte: Margarida M. (2006)

A voz da diversidade pode vir a agregar muito à área da Comunicação como um todo, por isso, é uma imensa perda pensar quantos alunos desde o colégio até a faculdade estão silenciados, sem conseguir expressar as suas vivências que apesar de tristes e injustas são

cheias de inovação e criatividade para lidar com tudo da melhor forma. Visto que, a qualidade da educação é, por exemplo, com referência aos professores, uma forma de aumentar a possibilidade de contribuição em 50% na renda das pessoas que possuem o mesmo nível de formação escolar (Schwarcz, 2019), conclui-se que ComOrg, com nota 5 pelo MEC, e que possui um currículo estratégico para o futuro e que visa cargos de liderança, deveria incluir essa parte da população, só com mudanças assim a sociedade evoluirá em questões de desigualdade.

2.4 A PESQUISA EMPÍRICA

Revisitar o conceito de pesquisa, antes da verificação de qual melhor forma de aplicação dela também é um passo imprescindível, assim ao verificar o sentido da palavra “pesquisa” para a melhor execução dela, temos:

Pesquisa é ato ou efeito de pesquisar; indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade, investigação, inquirição, investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento (FERREIRA, 1987).

A partir disso, realizamos uma pesquisa com os estudantes negros de ComOrg de método misto (qualitativo e quantitativo). Primeiramente, a pesquisa quantitativa é um método de coleta de dados que permite ao pesquisador abordar assuntos que exigem reflexões sobre questões complexas com os entrevistados, que “[...] por meio das trocas verbais e não-verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais” (FRASER e GONDIM, 2004, p. 140), tratando-se de assuntos como raça e cidadania, a melhor opção é ouvir o que as próprias pessoas que são objeto de estudo tem a dizer, afinal é o lugar de fala deles que vai mostrar com maior assertividade como é o percurso acadêmico e expectativas do jovem negro, assim só números não seriam suficientes para relatar toda a trajetória, apontar sonhos e questões complexas. A pesquisadora Maria Minayo também comenta sobre o aumento da eficiência quando as respostas a serem obtidas vão além do que os números seriam capazes de expressar:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo

dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2003, p. 22).

Optou-se, primeiramente, por realizar uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, com entrevistas em profundidade, “uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa” (MINAYO, 1993, p. 107). Conforme definida por Gil (1999) a pesquisa qualitativa é,

procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. (...) A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (...) ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 1999, p. 45)

Segundo Gil (1999), as entrevistas podem ser classificadas em: informais, focalizadas, por pautas e estruturadas. Sendo que, para este projeto, a entrevista estruturada trará a melhor abordagem com perguntas pré-estabelecidas, ordem lógica e que serão fixas para todos os entrevistados. Fica a critério do entrevistador se serão questões abertas ou fechadas. A abordagem escolhida traz a possibilidade de comparação das respostas dos entrevistados e evita que tenha algum viés do entrevistador atrapalhando o resultado final, pois como aponta Duarte (2004) é um processo desafiador:

[...] propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista (DUARTE, 2004 p. 216).

Dito isso, nosso universo amostral eram os estudantes negros e pardos do Curso de Comunicação Organizacional da UnB e nossa amostra é composta por cinco entrevistados, sendo quatro alunos em diferentes períodos do curso de Comunicação Organizacional e um recém-formado. A fim de deixarmos nossos entrevistados confortáveis para responder nossas perguntas, optamos por deixá-los no anonimato e referirmos a eles da seguinte maneira: Calouro (estudante do primeiro semestre), Veterano 1 (estudante do quinto semestre), Veterano 2 (estudante do sexto semestre), Formando (estudante do oitavo semestre) e egresso (recém-formado). Entre os veteranos destacamos uma diferença, o Veterano 1 seguindo a grade estabelecida pela UnB, enquanto o Veterano 2 criou a sua grade a partir de suas necessidades pessoais. Vale ressaltar que os alunos que não seguem a grade oferecida pelo

curso tendem a pegar disciplinas em diversos períodos e não acompanham o seu grupo de entrada na Universidade (Figura 9).

As entrevistas foram realizadas pela plataforma Elos, todas foram gravadas e transcritas para a melhor análise dos dados. Cada entrevista durou cerca de 30 minutos e foram realizadas em dias diferentes. Disponibilizamos o roteiro de entrevista em anexo.

Figura 9 - Entrevistados do Curso de ComOrg

Curso	Nome	Semestre
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL	CALOURO	1º Semestre
	VETERANO 1	5º Semestre
	VETERANO 2	6º Semestre
	FORMANDO	8º Semestre
	EGRESSO	-

Para complementar os achados das entrevistas, adotamos ainda o método quantitativo, Com base nos arquivos fornecidos pelo corpo administrativo da Universidade de Brasília de relatórios extraídos pela Secretaria de Tecnologia da UnB (STI) e recebidos da Coordenação de Orientação e Supervisão das Unidades Avançadas. Os dados apresentam os alunos ativos e alunos formados do curso de Comunicação Organizacional com as respectivas cotas utilizadas no ingresso, assim como um relatório de todos os alunos que já ingressaram no curso. Ou seja, os dados vão complementar e justificar uma série de questões vindas das entrevistas realizadas:

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (Gil, 1999, p. 168).

Com o uso do Planilhas Google, foi possível transformar uma série de questões em gráficos e comparativos. Assim, a análise dos percursos acadêmicos torna-se mais clara.

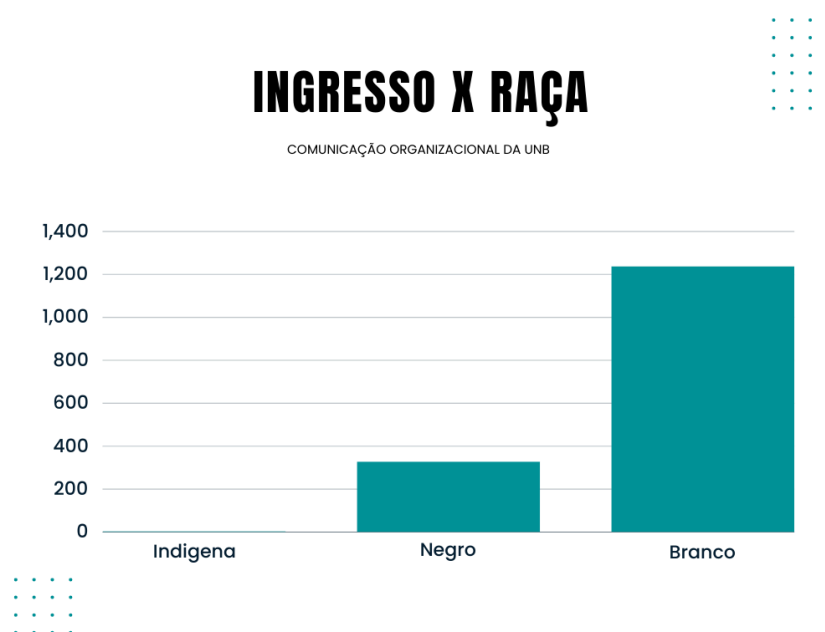
Na análise quantitativa, como relata Oppenheim (apud Roesch, 1996, p. 142), podem-se calcular médias, computar percentagens, examinar os dados para verificar se possuem significância estatística, podem-se calcular correlações, ou tentar várias formas de análise multivariada, como a regressão múltipla ou a análise fatorial. Estas análises permitem “extrair sentido dos dados”, ou seja, testar hipóteses, comparar os resultados para vários subgrupos, e assim por diante.

Conforme a lei de proteção de dados, os dados fornecidos pela UnB não estão identificados e contam com as seguintes informações: forma de entrada e ano de ingresso, cota e ano da formatura. A seguir, analisamos os resultados obtidos.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Desde 2010, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Tecnologia da UnB (STI) e Coordenação de Orientação e Supervisão das Unidades Avançadas, o total de alunos que ingressaram em Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da UnB foi de 1.570. Destes, 328 são negros e 4 indígenas, ou seja, do total de pessoas que entraram em ComOrg, apenas 21% se autodeclararam negros (Figura 10).

Figura 10 – Porcentagem de estudantes por raça em ComOrg

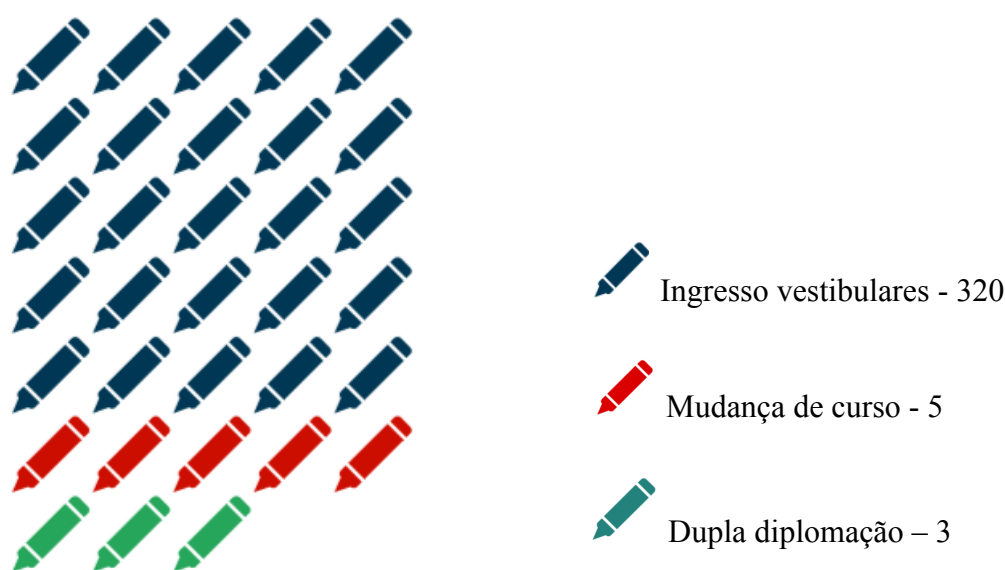


Fonte: Dados do STI da UnB – Gráfico feito pela autora

Utilizamos os dados referentes à autodeclaração no ingresso com cotas, por isso entende-se como “alunos negros”, “de escola pública” e “baixa renda”. Segundo a Lei nº 12.711/2012, metade das vagas (50%), por curso e turno, nas universidades federais, são destinadas a estudantes que cursaram o ensino médio integralmente em escola pública (metade para estudantes com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e metade para estudantes com renda superior), sendo que, as outras vagas foram divididas em dois grupos: 5% para o Sistema de Cotas para Negros (Política de Ação

Afirmativa iniciada há mais de dez anos) e as restantes para o Sistema Universal. Para os estudantes de escolas públicas que se declaram pretos, pardos ou indígenas (PPI), foi reservada outra porcentagem de vagas, definida com base na soma total dos que compõem esses grupos em cada unidade da Federação, conforme o último censo do IBGE. Para o acesso à UnB, vale a porcentagem relativa ao Distrito Federal. Metade das vagas de cada uma das subdivisões do Sistema de Cotas para Escolas Públicas são reservadas a estudantes com deficiência. Nesse sentido, o ingresso de 320 alunos negros na UnB ocorreu via um dos sistemas de cotas acima mencionado, apenas 3 estudantes ingressaram em ComOrg via dupla diplomação e cinco entraram via mudança de curso (Figura 11). Este é um dado interessante, pois pode apontar tanto para a dificuldade das pessoas negras em se formar, quanto para a necessidade de após formado irem para o mercado de trabalho. De toda forma, reflete de maneira indireta as várias dificuldades das pessoas negras dentro de uma universidade.

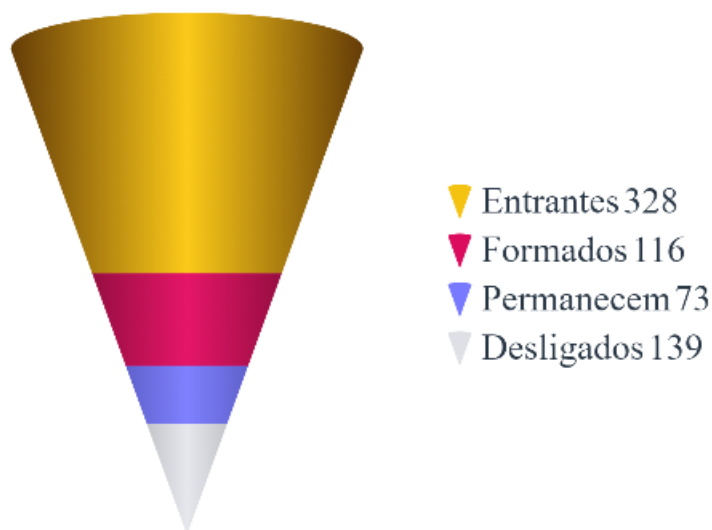
Figura 11 – Como os estudantes negros ingressaram no curso de ComOrg entre 2010 e 2023



Fonte: Dados do STI da UnB – Gráfico feito pela autora

Outros dados colaboram com o que temos afirmado ao longo deste TCC, dos 328 alunos que adentraram a UnB entre 2010 e 2023, 35% (116 alunos) concluiu o curso e se formou, porém 42% (139 alunos) foram desligados da universidade, ou seja, tantos foram os obstáculos que estes estudantes enfrentaram, que acabaram por sair da universidade (Figura 12).

Figura 12 – Jornada dos estudantes negros no curso de ComOrg entre 2010 e 2023



Fonte: Dados do STI da UnB – Gráfico feito pela autora

Um estudante pode permanecer na UnB por 14 semestres, ou seja, por até 7 anos. Dentre os alunos 73 alunos negros que permanecem cursando ComOrg, 60 alunos entraram em 2019, ou seja, estão dentro do prazo para se formarem conforme calendário da universidade. Porém, 13 alunos estão fora do calendário. Destes, quatro alunos entraram nos anos 2013, 2014, 2015, o que significa que trancaram o curso em algum período e depois retornaram.

Por fim, destacamos que quatro dos entrantes são pessoas negras com deficiência, sendo que dois permanecem na universidade e dois foram desligados. 139 vieram de escola pública de alta renda, 62 foram desligados e dos 39 alunos dentre os 81 que vieram de escolas públicas de baixa renda foram desligados. Entre os 104 que acessaram via cota negros, 36 foram desligados. Percebemos que não importa por qual sistema de cotas o aluno entrou, pois em todas elas há uma média de 40% de desligamento.

Após nossa análise quantitativa sobre os estudantes negros de ComOrg, selecionamos nossa amostra de cinco entrevistados, quatro discentes e um egresso para refletirem sobre as suas perspectivas quanto ao percurso pré, durante e pós-formação, e com isso foi possível tirar conclusões mais cirúrgicas quanto ao porquê destes números no período noturno da FAC. Segue abaixo, uma a apresentação inicial dos entrevistados:

Figura 13 - Entrevistados



Em todas respostas nos foi informado de que eles são os primeiros da família a ingressar na Universidade de Brasília. A caloura relatou ser a primeira a ingressar no Ensino Superior e a Veterana foi a primeira a passar em uma Universidade Federal, segundo ela: “*na minha família ninguém entende essa dimensão assim de estar numa Federal*”. A maioria dos entrevistados contam com orgulho sobre ser fonte de inspiração para os amigos e parentes. O veterano afirma que foi exemplo pra quem menos esperava, “*meio que os filhos foram o impulso para os pais continuarem a vida de estudos*”. Orgulhosos relatam que viraram os fotógrafos e designers oficiais da família por estudarem na Comunicação. Para estes

estudantes, o ingresso na UnB parece distante da realidade, pois esta possui uma baixa representatividade de estudantes negros, comovimos, eles representam apenas 21% dos alunos de ComOrg,.

Nenhum dos entrevistados fez cursinho particular preparatório para ingressar na UnB, sendo que os cinco entrevistados passaram por escola pública, mas dois estudaram em escolas privadas. Como vimos, em Comunicação Organizacional o número de alunos negros que ingressaram, a partir de escola pública passa de 70%. Por uma coincidência, todos os entrevistados passaram por outra graduação antes de cursar Comunicação Organizacional, mas apenas três possuem outra formação, ou seja, são alunos que entraram ou via dupla diplomação ou via mudança de curso, como visto, estes alunos são uma minoria.

O veterano disse: *“eu não sou muito de comemorar as conquistas porque tenho aquela síndrome do impostor, de achar que pelo fato de eu não estudar muito, quase todas as conquistas que eu tenho não são merecidas”*. Ele que, atualmente, está fora do fluxo normal da grade da UnB, falou da perspectiva após o resultado da aprovação, assim como o egresso que também relatou: *“eu fui lá, olhei, não tava com muita expectativa”*.

Dentre os motivos para cursar ComOrg, o relato de maior frequência foi de que o curso diminui a insegurança no momento de enfrentar o mercado de trabalho, por ser um curso mais abrangente e que traz diversas possibilidades dentro da Comunicação. Outro motivo bastante destacado foi o da flexibilidade de horário, como afirma a formanda:

No audiovisual, a gente vai mexer com a imagem, edição e filmes. Publicidade e Propaganda é mais aquela coisa de divulgar a empresa e falar, meio que se comunicar com clientes. O jornalismo, a parte mais escrita, voltada para notícia. E comunicação organizacional é tudo isso voltado para uma empresa. [...] É o curso mais completo da Comunicação Social, porque ele abrange tudo [...] Numa empresa, se você tem um profissional de Comorg, você tem tudo, e aí eu pensei para que pegar uma das três, se eu poderia ter as três em um. E também calhou de ser de noite, que era importante porque eu estava trabalhando, não dava para ficar sem sustento.

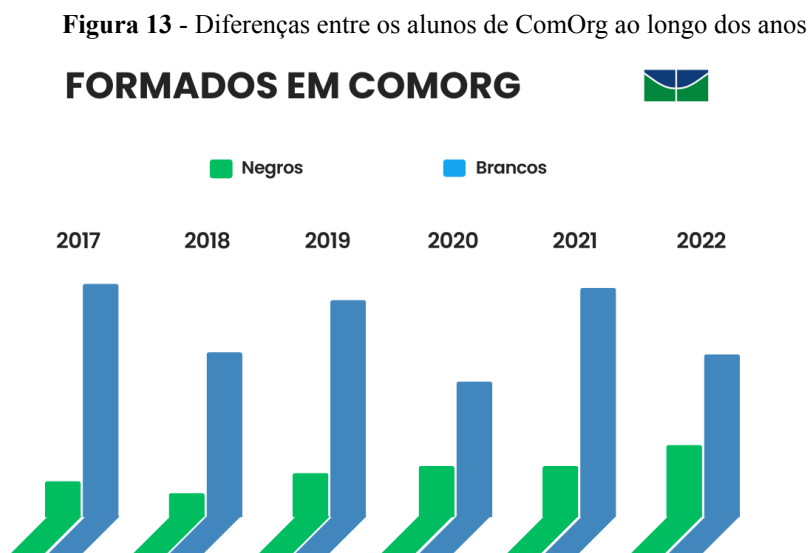
Ao questioná-los quanto a insegurança causada pela base educacional no acompanhamento das aulas e da turma, assim como outros desafios que apareceram no decorrer do curso, a maioria relatou conseguir lidar tranquilamente e trouxe os lados positivos que a diferença social/racial trouxeram, como: 1) visão ampla de questões sociais, 2) ter a experiência de uma graduação anterior ou 3) ter uma idade e maturidade maior que a maioria para focar nas coisas certas. Abaixo listamos algumas das dificuldades em comum que enxergam no curso:

- Muitos termos em Inglês, uma linguagem meio desconhecida, o que dificulta;

- Tem muita gente de escola particular, então o conhecimento deles é mais amplo;
- Diferença entre uma escola particular da periferia para quem veio das escolas particulares do Plano Piloto;
- Mesmo sendo bons alunos de escolas públicas, sentiam uma certa dificuldade;
- Pessoas muito diferentes da realidade em que vivem, muita gente rica e padrão de beleza diferente;
- Dificuldade de enturmar;
- O curso exige integração com as atividades da universidade;
- Estar acima da idade dos colegas de curso e ter dificuldade em estabelecer relações de amizade;

Esses motivos podem traduzir um pouco do que significa as dificuldades que levaram cerca 40% dos estudantes dos negros de escola pública terem saído da universidade sem o diploma nas mãos.

Abaixo apresentamos o gráfico dos últimos 6 anos para visualizarmos a entrada dos estudantes negros por ano:



Fonte: Dados do STI da UnB – Gráfico feito pela autora

A caloura e o veterano relatam que, inicialmente, queriam cursar jornalismo, mas desistiram por conta da nota de corte ser maior, ou por conta da necessidade de trabalhar. Ou seja, o número de acessos da população negra e de baixa renda é ainda mais desafiador nas outras áreas de Comunicação.

Todos, exceto a Caloura, trabalharam durante toda a graduação, mas como ela acabou de entrar na universidade, não quer dizer que não necessitará trabalhar. Quatro dos entrevistados estão trabalhando atualmente, nenhum em regime CLT. Por conta disso, a falta de horário para ler os textos propostos, realizar trabalhos em grupo e até mesmo, e impossibilidade de viver a experiência da UnB por inteiro aparece nas respostas de todos os

entrevistados. Eles comentam que a rotina de trabalhar durante todo o dia e ter que seguir com os estudos a noite na UnB prejudicam a qualidade das suas entregas. Do mesmo modo, os prejudicam enquanto acadêmicos, pois traz a impossibilidade de participar de EJ, PIBIC, Optativas e etc. Segundo o veterano, essas questões também influenciam na sociabilidade, *“trabalho em grupo também dificultou muito, porque eu saí do meu semestre e fico por conta do trabalho. Eu comecei a pegar menos matérias, aí desvinculei do grupo do meu semestre”*.

Todos os quatro alunos entrevistados moram em regiões periféricas e utilizam ônibus para percorrer todos os dias uma média de 30 km para chegarem até a Universidade, eles saem das seguintes cidades:

- Sobradinho 23 km
- Ceilândia 34 km
- Santa Maria 34 km
- Recanto das Emas 36 km

Fonte: Média pelo Google Maps

Alguns informam que o transporte público, muitas vezes, vira a sala de estudos e traz a possibilidade de pausa para realização das leituras e trabalhos. Em um dos depoimentos sobre os principais desafios, a Veterana ainda complementa que a maior dificuldade tem sido conciliar aquilo que ela tem necessidade de fazer, com aquilo que ela realmente gostaria: *“porque eu tenho necessidade de trabalhar pra ajudar em casa e me sustentar. Então, essa necessidade se sobressai ao meu desejo de querer estar envolvida na universidade. Meu sonho era estar numa empresa júnior, extensão, estar envolvida, mas não tenho essa energia e tempo”*. Os alunos que representam, no momento, 4% do percentual ativo de negros que são de escola pública e de origem pobre, enfrentam as estatísticas e a exclusão também, afinal precisam lutar diariamente para sobreviver em um local que parece não estar esperando por ele, não o acolhe, não o protege, não o insere e, com isso, parece o expulsar.

Aqui, disponibilizamos a grade do curso de ComOrg:

1º Nível			
Componente Curricular	CH Detalhada	Tipo	Natureza
Ética, Legislação E Responsabilidade Social	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Introdução Ao Marketing	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Linguagens Da Comunicação 1	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Introdução As Teorias Da Comunicação	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Introdução Ao Planejamento	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
2º Nível			

Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Linguagens Da Comunicação 2	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Metodologia De Pesquisa Em Comunicação	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Planejamento Em Comunicação	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Produção E Edição De Imagem E Som	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Teorias Da Comunicação Organizacional	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
3° Nível			
Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Técnicas De Jornalismo Impresso E On Line	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Planejamento Gráfico, Visual E Web	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Gestão Em Comunicação	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Políticas De Comunicação, Sociedade E Cidadania	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
4° Nível			
Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Técnicas De Jornalismo Em Rádio E Tv	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Instrumento Da Comunicação Organizacional	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Planejamento E Gestão Em Marketing	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Criação Em Comunicação E Publicidade	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
5° Nível			
Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Roteiro, Produção E Direção Para Web, Vídeo E Cinema	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Pesquisa Em Opinião E Mercado	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Planejamento E Gestão Em Org Públicas, Privadas E Do Terceiro Setor	120h Aula	Disciplina	Obrigatorio
6° Nível			
Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Formatação E Gerenciamento De Projetos Em Comunicação	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Planejamento E Gestão Em Web	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Gestão Estratégica Para A Sociedade	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Avaliação Em Projetos De Comunicação	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio
7° Nível			
Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Assessoria E Consultoria Em Comunicação	180h Aula	Disciplina	Obrigatorio
Pré-Projeto De Tcc	60h Aula	Disciplina	Obrigatorio

8º Nível			
Componente Curricular	Ch Detalhada	Tipo	Natureza
Trabalho De Conclusão De Curso	150h Aula	Disciplina	Obrigatorio

Todos os entrevistados relataram que não tiveram aula com professores negros. Isso nos chama a atenção, pois em ComOrg temos uma professora negra de pele mais clara - a Profa. Dra. Elen Geraldles. Nas palavras de Carneiro (2011, p. 72) a miscigenação foi utilizada “para enfraquecer a identidade a identidade racial dos negros. Isso é feito pelo deslocamento da negritude, que oferece aos negros de pele clara as múltiplas classificações de cor que por aqui circulam”, fazendo com que alguns negros não reconheçam estes como negros.

De toda forma, a professora Geraldles foi citada por quatro entrevistados como a professora que acolheu e abriu conversas quanto à temática racial, inclusive, ela ministra o componente curricular que tem espaço para tais diálogos: “Políticas de comunicação, sociedade e cidadania” de acordo com o SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas.

Todos os entrevistados afirmaram não ter passado por nenhum episódio de racismo. Nas palavras da formanda: “*A FAC, na minha opinião, é uma das [faculdades] mais acolhedoras que tem e tenta ser a mais diversa possível para poder unir todos os grupos*”. Já a caloura se sentiu surpresa e insegura à primeira vista, pelo grande número de alunos brancos, mas logo conseguiu se enturmar.

A sensação de que a ComOrg possui a maioria branca é comum a todos os entrevistados, alguns relatam que tem equilibrado bastante com o passar do tempo, o veterano relembra: “*vejo que tem uma quantidade de alunos negros até maior do que quando entrei na UnB pela primeira vez. A questão da acessibilidade dos cursos noturnos, ela é das políticas de cotas. Ela melhorou essa perspectiva, mas a visão geral do curso ainda é um curso elitizado. Curso de comunicação é um curso elitizado*”. Os estudantes também relatam ter poucos amigos negros. A veterana, por exemplo, se descobriu negra através do olhar de amigos brancos e alguns negros.

Já sobre a percepção de futuro, os alunos têm, por maioria, depoimentos parecidos com o do veterano que resume os anseios dos estudantes “*as áreas que você pode se destacar precisa desenvolver habilidades para além daquilo que o curso ensina, principalmente, conhecimento tecnológico, conhecimento de materiais de edição de imagem e vídeo, programação e etc*”. O egresso já traz uma visão mais positiva, pois afirma que o curso de

Comunicação Organizacional é mais completo, pois o mercado busca por profissionais que conheçam de tudo um pouco.

Nas perguntas relacionadas às expectativas para o futuro ou até mesmo sonhos pessoais, dois pontos se destacam: 1) fazer mestrado (4 alunos) e 2) conseguir um bom emprego (5 entrevistados). Um deles cita que *“tem uma demanda muito grande de cursos, tipo de Power BI, Google Ads, de análise de sei lá o quê, e essa capacitação assim maior exige mais que uma pessoa que se formou em ComOrg tem”*. Apesar da exigência, o egresso afirma que o mercado está cada dia tendendo mais para o regime pessoa jurídica (PJ). Outro ponto comum a todos é a fala quanto ao cansaço e a necessidade de ter estabilidade e paz. Na hora de dizerem o que almejam, nos surpreendeu o fato de muitos terem informado que conseguir se formar já será uma grande conquista. Olhando os dados fornecidos pela UnB, os alunos não estão errados, pois cerca de 40% dos 328 negros que entraram na ComOrg foram desligados.

Por fim, os futuros Comunicólogos negros trouxeram suas suposições de como a entrada de uma pessoa negra tem um poder transformador. A caloura acredita que é um ato de resistência, enquanto a veterana conta um exemplo prático quanto esta relevância:

Na minha empresa, só tem branco, você vê poucas pessoas negras. E as pessoas negras normalmente são servidoras, prestam serviço de TI, faxina e essas paradas assim. E eu fui contratada lá como estagiária para trabalhar com comunicação de minoria. E eles têm uma dificuldade muito grande de comunicar isso porque ele é direcionado para uma capacitação profissional para pessoas de baixa renda que estão atrás de um emprego. Você nunca vai ver um rico fazendo uma capacitação de técnico em mecânica.

A formanda aponta mais um benefício: *“quando você traz uma pessoa negra, ela traz além do marketing para as pessoas negras, começa a olhar para indígena, cigana, portadores de deficiência, obeso e etc. A gente tem uma visão que considero ser mais ampla e a gente busca trabalhar isso nos nossos produtos”*. Os entrevistados reforçam que se não tiver voz, se desconsiderar o seu trabalho, de nada adianta ter diversidade na equipe. Em uma formação que prepara pra ser gestor, torna-se ainda mais importante ter um grande número de pessoas com diferentes raças, idades, gêneros e classes sociais.

Ao longo de nossa pesquisa vimos que os alunos negros que entraram no curso de ComOrg entre os anos de 2011 e 2023 correspondem a 21% dos alunos do curso. Ao longo dos anos 328 negros entraram em ComOrg, mas destes 40% foram desligados. A maioria dos alunos entram via sistemas de cotas, mas ainda há alunos que entram por mudança de curso ou dupla diplomação. A pesquisa empírica feita com 5 entrevistados (quatro alunos e um egresso)

evidencia as dificuldades dos negros permanecerem no curso. A maioria teve que conciliar trabalho e faculdade e não conseguiu viver tudo que a UnB oferece. Quatro são os primeiros da família a ter um diploma e uma é a primeira a ter um diploma de uma universidade Federal. Vemos que a pesquisa qualitativa reforça os dados e traz novos elementos para entendermos a jornada do negro no curso de ComOrg

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jovens negros já entram na “corrida da vida” em desvantagem aos brancos, o que torna o ingresso no Ensino Superior uma verdadeira batalha. As dificuldades aparecem desde a tentativa de ingresso e vai para além do momento de sair com o diploma, afinal, no mercado de trabalho, não é diferente, a injustiça perpassa por preconceitos desde a seleção até o salário no final do mês. Isso tudo, definitivamente, não é inclusão.

A visão para todas essas questões não deve ser de pena do povo negro, e sim de sede de mudanças antirracistas dentro das possibilidades de cada um. O racismo é estrutural, mas não é um problema insolucionável, tratá-lo assim só vai atrasar cada vez mais essas vidas. Vimos pela discussão teórica que o país está perdendo contribuições extraordinárias e inovadoras vindas de olhares ricos e talentosos por puro preconceito. Por isso, esta minha última contribuição enquanto discente de ComOrg busca causar incômodo.

O curso de Comunicação Organizacional é noturno e inclusivo, mas é preciso enxergar que a UnB funciona como se ele não existisse, e isso exclui. Exclui desde a falta de eventos neste período, de disciplinas optativas, até a falta de segurança para explorar a faculdade. Retomo que a sensação do negro é estar sempre atrasado na corrida, e ao chegar na tão sonhada Universidade Federal, depois de contrariar todas as estatísticas, a sensação é de chegar no “final da festa”, porque aconteceu um monte de coisas durante o dia (EJ, extensão, intercâmbio, aula de forró, matéria que fala de felicidade, atléticas e congresso), e ao chegar à noite no Curso de ComOrg, tudo já acabou.

A pesquisa nos mostrou muitas dificuldades vividas pelos estudantes negros de ComOrg, como também mostrou que o curso também tem seus aspectos positivos: várias possibilidades no mercado de trabalho, ausência de episódios de racismo e, principalmente, o fato de ser um curso noturno, para que nós possamos de fato entrar na universidade.

É importante destacar que foi extremamente desafiador cumprir essa etapa do projeto, pois os entrevistados estavam sempre ocupados entre o trabalho, estudos e demais obrigações, então muitos convites foram negados por falta de tempo.

Não poderia deixar de apontar outro fato importante dentro da FAC, que é termos uma diretora negra, a primeira mulher negra a ocupar este cargo, a profa. Dra. Dione Moura. Ela é uma das precursoras em direitos da população negra na Universidade de Brasília trabalhando sempre por um ambiente mais inclusivo e democrático não só na FAC, mas em toda a universidade. A diretora foi a relatora da proposta aprovada pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) em 2003, assim a UnB foi a primeira federal a instituir o sistema de cotas para negros e indígenas. E são esses casos que enchem o coração de esperança e trazem de volta a força dos estudantes negros que passam a ter referências e inspirações.

Por fim, se a qualidade de ensino contribui diretamente na renda das pessoas e temos a possibilidade de um curso avaliado em nota 5 pelo MEC, devemos todos trabalhar com senso de urgência para que a diversidade seja recebida com máximo acolhimento e usufrua de todas riquezas provindas do curso de Comunicação Organizacional. E, enquanto estudante, inicio com este trabalho, essa discussão que busca trazer maior visibilidade para o curso e as causas raciais, certa de que ainda há muito mais a ser explorado a partir daqui.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DIVERSIDADE COMO ALAVANCA DE PERFORMANCE. Mckinsey, 2018. Disponível em:<<https://www.mckinsey.com/capabilities/people-and-organizational-performance/our-insights/delivering-through-diversity/pt-BR>>. Acesso em: 06/10/2023

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Informação e documentação: referências - elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2000.

BACCEGA , M. A. Comunicação e culturas do consumo . São Paulo: Atlas. 2008

BACCEGA, M.A. Conhecimento, informação e tecnologia. Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, jan./abr. 1998.

BIZELLI, José Luís. Educação para a cidadania. CÉLIA M. D, p. 19, 2015.

BORDENAVE, Juan Diaz. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistemas e ciênciaPetrópolis: Vozes, 1986.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARNEIRO, Sueli. Trabalho e exclusão racial. Portal Geledés. 2004

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTRO, Maria Helena de Magalhães; LEITE, Elenice Monteiro. Educação no Brasil: atrasos, conquistas e desafios. 2006.

COMUNICACAO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/comunicacao/>>. Acesso em: 09/10/2023.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cidadania e modernidade. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 22, 1999.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016.

DE CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Civilização Brasileira, 2021.

DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS NAS MATRÍCULAS E NA CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO. Todos pela educação. 2023. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/06/desigualdades-ensino-medio-todos-pela-educacao.pdf>

DEWEY, John. Democracia e Educação: Introdução à filosofia da educação. Companhia Editora Nacional. 1979.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educ. rev., Curitiba, n. 24, p. 213-225, Dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357> .

ENTMAN, Robert M. Viés de enquadramento: Mídia na distribuição de poder. Revista de comunicação , v. 57, n. 1, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, Ago. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004> .

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Editora Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria. Diário de Bibita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo – diário de uma favelada, 1960.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas. Faces da cultura e da comunicação organizacional, v. 2, 2006.

LACERDA, Nayara Ferreira. Pensamento racista no Brasil pós abolição: breve reflexão sobre racismo estrutural. **Mosaico**, v. 13, n. 21, 2021.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista katálysis, v. 10, 2007.

LIPPMANN, W. “Estereótipos” In: STEINBERG, CH. (org). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1980.

MANO A MANO. Entrevistado: Gregorio Duvivier. Entrevistador: Mano Brown. [S. l.]: Spotify, 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3HqLqOAJbT27TOOsxqAqdG>. Acesso em: 07/10/2023

MAPA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL 11ª Edição. Semesp. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Mapa-do-Ensino-Superior-Completo.pdf>

MARSHALL, Thomas Humphrey. Cidadania, classe social e status. Zahar,., 1963.

MARTINS, Evandro Silva. A etimologia de alguns vocabulários referentes à educação. Olhares & Trilhas, v. 6, n. 1, 2005.

MARTINS, Everton. Entrevista: Técnica de coleta em pesquisa qualitativa. Blog Mettzer, 2018, maio. Disponível em: <<https://blog.mettzer.com/entrevista-pesquisa-qualitativa/>>. Acesso em: 09/10/2023.

MARTINS, María José et al. A educação para a cidadania no século XXI. Revista Iberoamericana de educación, 2010.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINHA HISTÓRIA. Nadia Hallgren. Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81122487?source=35> , 2020. Acesso em: 06/09/2023

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Projeto Pedagógico de Curso - Comunicação Social - Habilitação: Comunicação Organizacional. 2011.

Módulo Educação. PNAD. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101736>

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Papirus Editora, 2007.

MORIN, Edgar et al. Os setes saberes necessários à educação do futuro. Cortez Editora, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos. Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. Palestra proferida, n. 1º, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. Sociedade e cultura, v. 4, n. 2, p. 31-43, 2001.

NEVES, Roberto de Castro, Comunicação Empresarial Integrada. Ed Mauad, 2009. Dicionário de Teatro, Patrice Pavis.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE. 2003.

O'NEIL, Cathy (TED). The era of blind faith in big data must end. YouTube, 2017, Tradução: Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2u_eHHzRto. Acesso em: 08/10/2023

PAIS, José Machado. Jovens e cidadania. 2005.

RACIONAIS MC'S. Negro Drama. Nada como um Dia após o Outro Dia. 2022

RELATÓRIO DAS DESIGUALDADES RACIAIS 2022. Gemaa. Disponível em:
<https://gema.iesp.uerj.br/relatorios/relatorio-das-desigualdades-raciais-2022/>

RODRIGUES, Cintia Lopes de Melo. A relação entre raça ou cor, escola e trabalho: uma análise de indicadores sociais. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 12, Vol. 03, pp. 144-161. Dezembro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso:
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/escola-e-trabalho>

ROESCH, S. M.A. Projetos de Estágio do curso de Administração. São Paulo: Atlas, 1996

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. Folha de São Paulo, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

VOCÊ NO MERCADO DE TRABALHO. FGV. Disponível em:
https://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/ finais/Etapa3-Artigo_Voc%C3%A0AnoMercadodeTrabalho.pdf

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Etapa 1 – Você e sua vida antes da Comorg

1. Qual seu nome, idade, gênero e raça?
2. Está trabalhando atualmente? Com o que e onde?
3. Ao longo do curso de graduação, você trabalhou? Em quais períodos?
4. Em qual RA você mora e qual a forma de locomoção até a universidade?
5. Como foi o seu processo educacional até a sua aprovação na Universidade? Você estudava em escola pública ou particular? Precisou estudar por fora do ensino regular? Foi aprovado de primeira? Usou cotas? Por qual sistema ingressou na graduação da UnB?
6. Qual foi a sua reação quando viu a aprovação? Como foi a reação da sua família?
7. Por que escolheu o curso de Comunicação Organizacional?
8. O que te motivou a estudar a noite?

Etapa 2 – Na universidade

1. Você sente que tem uma base educacional similar a dos outros colegas? Sentiu dificuldade em algum momento por conta disso? Sempre conseguiu acompanhar o ensino?
2. Quais os principais desafios que encontrou até o momento?
3. Você já buscou trabalho na área ou olhou as vagas por curiosidade? Qual o motivo? Como foi?
4. Qual o horário que você consegue ler os livros, realizar os trabalhos e exercícios?
5. Você tem facilidade para fazer grupos de trabalho?
6. Ao longo do curso conseguiu cursar matérias durante o dia?
7. Ao longo do curso você teve contato com autores e pesquisadores negro? Teve debates? Como foi?
8. Desde que você entrou na UnB, você percebe se o seu acesso à Universidade modificou a sua vida familiar e do seu entorno (amigos, vizinhos e parentes)? De que forma?
9. Você sofreu algum tipo de racismo ou diferente tratamento por conta da sua cor na universidade?
10. Qual grupo étnico predomina na sua turma? Tem outros alunos negros na sua turma?
11. Você tem amigos negros na universidade? Ao olhar seu grupo de amigos, os negros são maioria?
12. Quantos professores negros você teve aula?

Etapa 3 – Expectativa após formatura e entorno

1. Qual a sua expectativa ao se formar na UnB?
2. Você se sente preparado para o mercado de trabalho?
3. Qual seu maior sonho? E profissionalmente?
4. Sobre o sonho que citou, essa formação pode te ajudar de alguma forma?
5. Como seu título de graduado em comunicação pode impactar na sua vida familiar, amigos, vizinhos e parentes?
6. Para você, como a entrada de uma pessoa negra no mercado de Comunicação pode transformar o ambiente de trabalho de uma empresa e/ou do mercado?
7. Você acha que a participação de uma pessoa negra na área de comunicação de uma empresa pode trazer diferença nas entregas? Quais?

APÊNDICE 2: QUADRO COM AS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

Entrevistas	Caloura	Veterana DF	Veterano FF	Formanda	Egresso
Está trabalhando atualmente? Com o que e onde?	Não	Sim. Estágio em Comunicação no Senai	Sim. Professor de Historia temporário	Sim. Estágio de comunicação no Sebrae	Sim. PJ e flâneer
Ao longo do curso de graduação, você trabalhou?	Não	Sim. Toda a graduação	Sim. Toda a graduação	Sim. Toda a graduação	Sim. Toda a graduação
Qual sua RA e forma de locomoção até a UnB?	Ceilandia. Dois onibus ou mais	Sobradinho. Ônibus	Santa Maria. Carro e ônibus BRT	Sobradinho e Asa Sul. Ônibus	Recanto das Emas. Dois onibus

Como foi o seu processo educacional até a sua aprovação na Universidade? Você estudava em escola pública ou particular? Preciso estudar por fora do ensino regular? Foi aprovado de primeira? Usou cotas? Por qual sistema ingressou na graduação da UnB?	Escola pública e privada, maior parte na escola privada. Minha mãe não conseguiu pagar o terceiro ano do EM, E aí eu senti a necessidade de estudar por fora. Então eu tive que procurar outras formas grátis. Eu fui procurando pelo YouTube para poder conseguir estudar para o Enem. Passei pelo Enem, coloquei cotas, mas eu não usei. Eu passei em segunda chamada pelo Sistema Universal.	Escola pública sempre. Eu fiz um cursinho voluntário público, o Galt. Usei cotas renda e escola pública	Estudei a vida toda em escola pública da periferia. Só um ano que eu fiz no Elefante Branco. Nunca fiz aula específica para o vestibular, fui só tentando. Mas esse sistema de cotas foi o que me deu segurança para tentar passar pelo processo. Entrei pelo Enem.	Escola pública e privada, maior parte no Instituto São José. Fiz Adm pelo vestibular com cotas e pedi segunda graduação pra Comorg aplicando a nota do Enem	Escola pública sempre. Passei pelo PAS e coloquei cota de negros. Eu já tinha entrado na UnB antes para o vestibular, então eu tinha uma noção mais ou menos de como era o sistema, então eu só fiz uma vez e fui aprovado.
É a primeira graduação?	Não. Cursei primeiro letras e depois decidi mudar pra Comorg	Não. Formada em Gestão de Políticas Públicas	Não. Formado em História	Não. Formada em Administração	Não. Cursei primeiro Ciências da Computação e depois decidi mudar pra Comorg
Qual foi a sua reação quando viu a aprovação? Como foi a reação da sua família?	No dia que eu fui transferir pro Prouni, tava na parada e aí saiu a segunda chamada da UNB. Aí falei "Ah, vou olhar". Eu nem achava que eu ia passar. Quando eu vi, tava lá meu nome, eu dei um pulo na parada. Eu falei "Meu Deus, meu Deus, meu Deus!" E saí correndo pra casa. Até hoje eu falo, eu gastei R\$28 só pra poder imprimir uma pena de documento pro Prouni e descubro que eu já tinha passado na UNB, mas valeu a pena. Foi o dinheiro mais bem gasto da minha vida (Risadas)	Na minha família ninguém entende essa dimensão assim de estar numa Federal. Então para mim foi tipo maravilhoso, porque eu sempre, desde que eu tive no ensino médio eu sempre quis. Só que eu não tinha estrutura e não tinha uma educação tão boa assim para fazer um vestibular. Então eu acabei podendo fazer o Enem depois de muito mais madura assim, que aí tem mais a ver com querer mesmo.	Eu não sou muito de comemorar as conquistas porque tenho aquela síndrome do impostor, de achar que pelo fato de eu não estudar muito, quase todas as conquistas que eu tenho não são merecidas. Foi quando eu assumi o cabelo black, inclusive. Quando eu entrei, eu lembro que eu, depois de três anos fora, eu sentia muita falta de estar na UnB. Eu sentia falta de participar da vida acadêmica.	A minha reação para comunicação, quando eu passei, foi muito mais alegre e divertido do que quando eu passei na Adm. Aí foi comemoração, aí sim, eu topei fazer festinha, já foi outros 500 e realmente era algo que eu queria, algo que eu parei, pesquisei	Eu fui lá, olhei, não tava com muita expectativa. Vai ter nesse curso toda essa conversa um pouco mais comum, porque eu já tinha passado alguns anos atrás.
Alguém da família estudou na UnB antes de você?	Não. Eu fui a primeira pessoa que ingressou no Ensino Superior	Não. Eu fui a primeira da família a ingressar em uma Federal	Não. Meu pai foi o primeiro da família a se formar, mas em particular pelo Prouni. Depois fui eu	NÃO FICOU CLARO	Não. Eu fui primeiro que eu entrei lá na UnB

<p>Por que escolheu o curso de Comunicação Organizacional?</p>	<p>Percebi que a comunicação, pode fazer esse papel de dar acesso à educação de qualidade, de chegar a todos os pontos, a todas as pessoas e você levar informação, que é uma coisa que é muito privilegiada, você ter informação verídica, você ter acesso ao conhecimento e eu acho que a comunicação ela consegue fazer. Eu tava e queria continuar estagiando pela manhã. E eu ia pra Comunicação Social pra Jornalismo, só que acabou que eu falei "Não, eu acho que minha nota não vai dar para o jornal, eu acho que vou pra comorg". E aí eu fui pra Comorg e acabou que eu me apaixonei</p>	<p>Eu sempre tive um lado muito criativo e eu gosto muito de fazer tudo. Tipo, eu gosto de estar envolvida em absolutamente tudo. Tanto é que no Senai edito vídeo, faço arte, faço planejamento de comunicação, faço planejamento de evento, eu gosto dessa dinâmica que Comorg. Ele acaba te deixando um pouco na dúvida do que fazer no futuro, mas tem mais oportunidade de ser um profissional mais amplo e ter mais vagas de emprego</p>	<p>Eu sempre fui muito bom de criar histórias e tal e tinha um interesse pela área de jornalismo. Mas para você fazer jornalismo na UnB, você tem que ter tempo. Quem é pobre e tem que trabalhar não consegue fazer os cursos integrais. E muita coisa mudou da UnB com relação a isso de acessibilidade. Foi preciso criar um novo curso, que foi Comunicação Organizacional, que abrange várias áreas desses, os três clássicos da comunicação, que é audiovisual, jornalismo e publicidade. Para tentar ali pegar um público que só tem acesso ao curso noturno</p>	<p>Para ter todos os 3 cursos de comunicação em 1. É ótimo por ser noturno, pois não dá pra ficar sem sustento.</p>	<p>Um amigo em 2014 terminou a computação e foi para Comurg. Ai esse curso já ficou na minha mente. Eu pensei o que que eu quero fazer na minha vida? Porque eu saí de computação que não era algo que me agradava. Ai eu pensei publicidade ou então fazer comunicação social. Ai eu fui olhar os cursos que tinham e como era um curso noturno que me daria disponibilidade de trabalhar durante o dia, ter uma vida fora da UnB e me agradou porque ele abarcaria jornalismo, publicidade, uma questão de gestão, que é algo que eu me importo. Então eu fui fazer.</p>
<p>Você sente que tem uma base educacional similar a dos outros colegas? Sentiu dificuldade em algum momento por conta disso? Sempre conseguiu acompanhar o ensino?</p>	<p>São muitos termos em Inglês, uma linguagem meio desconhecida. Eu acho que isso dificulta um pouco. Mas eu acho que minha base educacional deu pra lidar, se eu tivesse feito todo o ensino médio numa escola pública como eu fiz o terceiro ano, talvez eu não conseguisse. Tanto que eu sinto que eu perdi um pouco.</p>	<p>No meu semestre tem muita gente de escola particular. Então, assim, o conhecimento deles é mais amplo. Só que eu também percebo que boa parte das pessoas não tem conhecimento social que um estudante de escola pública tem. Eu acho que a gente de escola pública, por situação mesmo, a gente acaba vendo dois viés. Eu, por meu lado, na verdade eu comparo muito a minha visão de mundo com a visão de uma pessoa que tem boas condições. Assim, são totalmente diferentes.</p>	<p>Como eu já fiz uma outra graduação, eu já estou muito acostumado. Já o jeito universitário de ser, de exigência, de trabalho, de leitura, de produção acadêmica, já peguei macetes técnicos, então essa parte foi muito simplificada. acho que a única matéria que eu tive dificuldade até agora são as matérias práticas Tem uma lá que a gente tem que fazer desenhos num papel, Eu nunca fiz isso na minha vida. Eu preciso que alguém me diga exatamente o que eu tenho que fazer, senão não faço</p>	<p>Eu já vinha com um conhecimento de administração e eu já era mais velha do que a maioria do pessoal. Entrei falando eu quero fazer um intercâmbio, PIBIC, extensão, EJ. Eu me programei para cada semestre eu poder expandir além das aulas e manter também a questão de ser uma boa aluna. Senti uma grande diferença entre uma escola particular de Sobradinho para a galera que veio das escolas particulares do plano.</p>	<p>Para a comunicação, eu acho que como eu entrei já com 26, 27 anos, eu já estava mais maduro. Então a perspectiva da universidade foi diferente. Alguns textos eu já tinha lido por conta própria, já era um assunto que eu queria e a maturidade me entregou isso. Mas no primeiro curso mesmo é totalmente discrepante o que eu aprendi na escola pública. Eu cheguei atrasado, eu tinha que correr atrás, não importa quão bom eu era na escola pública. O universo da UnB é diferente. E mesmo vendo ali comunicação de alguns assuntos que eram cuspidos e a gente tinha que se virar. Então, como eu tinha um pouquinho mais de organização consegui tocar de uma maneira mais fácil porque eu não tive que pegar outras disciplinas. Eu consegui me formar só pegando o que eu tinha que fazer de comunicação, não tinha que correr atrás de optativa ou então de modo livre. Então isso me deu um alívio durante o curso.</p>

<p>Quais os principais desafios que encontrou até o momento?</p>	<p>Quando a gente olha para a FAC vê muita gente diferente de você, muita gente rica, muita gente de um padrão de beleza diferente. Acho que foi o principal desafio, a parte de conseguir me enturmar, até porque eu tenho ideologias diferentes ali. Eu penso mais na parte do social, na parte que a gente tem que fazer pelos outros e todo mundo tá mais na parte individualista.</p>	<p>Conciliar trabalho/necessidade e querer, na verdade. Porque eu tenho necessidade de trabalhar, ajudar em casa e me sustentar. Então, essa necessidade se sobressai ao meu desejo de querer estar envolvida na universidade. Meu sonho era que era estar numa empresa júnior, extensão, estar envolvida, mas não tenho essa energia e tempo. Tem semestres que eu tento planejar uma atividade extra além do da minha grade curricular fechada, obrigatória e optativa. Só que eu não consigo fazer isso porque eu tenho que me dedicar a conseguir um trabalho fixo, a passar nas matérias da UnB.</p>	<p>O curso de Comunicação exige que você esteja integrado às atividades da universidade, porque não é só o curso. Você precisa se relacionar bem com seus colegas, porque a maioria dos trabalhos são em grupo. E o fato de eu estar acima da faixa de idade dos meus colegas de curso tem sido problema, porque eu não consigo estabelecer relações de amizade, porque tem diferença, às vezes de dez anos de idade. Tô com 32 e os colegas de curso com 18, 19, no máximo 22. Aí é uma barreira grande. A idade que meus alunos do ensino médio tinham praticamente, então eu não sei como lidar muito bem com isso</p>	<p>A questão da idade, meus horários eram complicados para fazer trabalhos e o mercado de trabalho que não vê com bons olhos um profissional de 30 anos que está se formando</p>	<p>Muito a diferença de idade. Quando eu entrei, tinha muita gente se apresentando, falando tenho 16/17 anos. Aí eu pensei "O que eu tô fazendo aqui? Eu tô no curso certo? Eu realmente preciso disso?". Ou então com alguns professores em específico que não se importavam comigo, por isso falei sempre com a Elen que pegou na minha mão e me carregou. Então, a partir daquela acolhimento que a Elen deu, eu consegui deixar essas questões pessoais e fazer o curso, porque tem essa parte também de eu vou me manter na UnB. Tem aquela questão vou sair, trabalhar o dia todo, chegar à noite, estudar mais 2 ou 3 horas direto com o mesmo professor. Então, isso foi a maior dificuldade realmente de se manter na universidade.</p>
<p>Você já buscou trabalho na área ou olhou as vagas por curiosidade? Qual o motivo? Como foi?</p>	<p>Para estágio já consegui ver alguns estágios em órgãos públicos, alguns estágios em relação a comunicação no geral que você vê ali, acha um ou outro home office que às vezes explora você horrores e paga muito pouco. Mas é o que tem. E o mercado de trabalho ainto to na dúvida de qual parte eu vou seguir, o que eu vou fazer.</p>	<p>Eu me sinto. Pelas habilidades que a gente tem contato com as matérias dá para conseguir um emprego massa. Só que o mercado de comunicação exige uma demanda muito grande de cursos, de power bi, Google Ads, de análise de sei lá o quê. Então assim, exige que uma pessoa que se formou em Comorg tenha isso incluso</p>	<p>Então, as perspectivas nessas áreas não são boas e as áreas que você pode se destacar. Você precisa desenvolver habilidades para além daquilo que o curso te ensina, como principalmente conhecimento tecnológico, conhecimento de materiais, de edição de imagem, de vídeo e. Esse é o básico, né? Conhecimento até na área de programação tem sido exigido para quem trabalha de comunicação. E aí o espaço em grandes empresas não são acessíveis para quem acabou de sair de um curso. Mas também não é algo assim de muito sucesso. Mas eu imagino se destacar muito na sua área, ela tem a possibilidade de conseguir. O problema é conseguir chegar nesse patamar.</p>	<p>O mercado de trabalho tá sendo difícil, porque eu cheguei com 30 anos, mas só com conhecimento em administração. Então, até provar que eu também, apesar de só ter estágio em comunicação, tenho um conhecimento bom e interessante. Eu aprendi a mexer nos programas do Adobe, eu aprendi questões de planejamento. Então o mercado de trabalho, ele não vê com bons olhos um profissional de 30 anos que está se formando tentando entrar no mercado de trabalho.</p>	<p>Uma coisa que eu gostei muito no currículo de como eu posso ver hoje, é que ele dá uma maior preparo para o estudante de comunicação, porque as agências e empresas querem alguém que consiga lidar com tudo. E eu acho que o perfil mais próximo desse é o de Comorg. A pessoa vai ter que se esforçar o tempo todo e tem algumas, poucas, vagas muito boas. Então, se a pessoa realmente se preparar estando em Comorg, ele vai conseguir adentrar nisso. Mas como a área é onde eles vão cortar dinheiro primeiro, então tem que estar sempre preparado para isso. Mas eu vejo o curso como o mais preparado na área de comunicação.</p>

<p>Quanto a horário, você consegue ler os livros, realizar os trabalhos e exercícios? Fazer trabalho em grupo? Matérias diurnas?</p>	<p>Eu perco muito tempo dentro de um ônibus e aí eu passo mais tempo dentro da EJ e depois quando eu chego já tá na hora da aula. Então eu tenho a parte da manhã e tem as demandas de casa. Mas eu consegui me alinhar bem ali, procurar mais pessoas que tem em comum comigo. Então trabalho em grupo, a gente consegue fazer no turno contrário ou reunião online, então tá dando pra levar até agora. Quero pegar algumas matérias durante o dia, até mesmo para não ficar todos os dias indo a noite e voltando tão tarde pra casa.</p>	<p>Tem semestres que eu pego matéria de tarde, por exemplo, semestre passado eu peguei de manhã também. E assim, são dias tenebrosos, porque normalmente eu passo umas 15h fora de casa. Saio de manhã, vou para o trabalho, vou para a UnB à tarde e fico até a noite. Então conciliar essa disponibilidade de tempo e saúde, é muito difícil. A gente quando entra na UnB sabe disso, mas é complicado. A qualidade dos trabalhos que você entrega acaba sendo um pouco prejudicada. Normalmente eu não consigo ler os textos que os professores passam porque não dá tempo, tento me esforçar ao máximo para fazer isso, só que acaba sendo inviável às vezes. Mas trabalho sempre sai uma coisa legal, porque assim eu percebo que a galera do noturno foca mais no trabalho. Às vezes a gente tem que ler um livro para fazer um trabalho, obviamente. Sim, mas a qualidade do trabalho se sobressai principalmente a essa questão de ler um livro.</p>	<p>Qualquer outra coisa que eu faça que não seja trabalho, eu faço com culpa e aquele sentimento de que eu não estou aproveitando o tempo com o que deveria. Trabalho em grupo também dificultou muito, porque eu sai do meu semestre. Eu fico por conta do trabalho. Eu comecei a pegar menos matérias, eu desvinculei do grupo do meu semestre, eu conheci algumas pessoas, então tô pegando sempre com dois ou três semestres atrás. Gente que eu nunca vi gente mais nova ainda do que eu, do que era a galera do meu semestre. E aí, realmente, até para conversar é difícil. Eu já sou uma pessoa tímida, então para conseguir conversar com mais jovem, foi difícil fazer um trabalho em grupo.</p>	<p>Fazer trabalho com um pessoal mais novo, que também não estava engajada ali, em começar a trabalhar e tal. Era complicado porque os meus horários eram complicados, eram diferentes dos deles para se juntar, para fazer trabalho, para se organizar. Então, isso daí foi uma coisa que dificultou um pouco.</p>	<p>Geralmente no final de semana que eu pegava os "bicos", então era o projeto e a distância. Então a maior fonte de renda era com isso. E como eu fazia estágio, eu sempre procurei um estágio que me desse tempo. Então, primeiro entrava 09h00, saía 03h00 e tinha esse tempo de ir para casa dar um descanso. E nesse meio do caminho, no ônibus, geralmente quando eu lia os textos ou então no meio da aula mesmo. Sobre os grupos, separava um pessoal que era um pouquinho mais rico, ficavam no canto extremo, o pessoal mais ou menos ficava ali no meio e aí, a galera que eu acabei me juntando no outro canto. Eu formei com três pessoas ali, a gente foi um núcleo que mantém até hoje a amizade. Então eu tive sorte, porque nem todo semestre as pessoas conseguem fazer isso.</p>
<p>Ao longo do curso você teve contato com autores e pesquisadores negro? Teve debates? Como foi?</p>	<p>Pra quem não tem consciência social, você olha muito pra fora. E então a gente teve debate sobre questões raciais e sobre questão de cotas também. Mas ainda não teve autores negros ou pesquisadores negros dentro do curso. Eu tive contato agora fora, porque eu entrei no PIBIC que fala sobre isso</p>	<p>Não, nenhum. Assim, tinha debates pontuais</p>	<p>entro de comunicação. Não teve esse debate em aula não. A gente tem muito debate relacionado a gênero, mas raça nunca vi aprofundar. Não é algo que se ou você, enquanto pessoa negra, busca por conta própria. Desenvolver uma área de pesquisa e sabendo que você não vai ter apoio dos professores porque não existe uma linha de pesquisa voltada para isso ou não vai se falar sobre, não vai. Não é um tema que costuma ser abordado nesse curso.</p>	<p>A professora Ellen Geraldes, na minha opinião, é a professora que mais tentou trazer todas as perspectivas de todos os ângulos. E agora tô no PIBIC, que é voltado para as deputadas negras mais voltadas. Então aí eu tô tendo um contato maior em relação a como eu posso dizer, política e comunicação</p>	<p>Não. E como eu fazia o estágio, eu não conseguia pegar as disciplinas com a professora Dione, que era de jornalismo, e ali eles tem disciplinas voltadas para autores negros, para pensadores negros e negras, inclusive tem um da Lélia Gonzalez Gonzales, que eu só fui descobrir depois que eu me formei, mas a maioria eurocêntrica de pessoas brancas e homens leitores de mulheres. Eu acho que durante os oito semestres. No máximo dez autoras. A maioria foram homens e aquele clássico euro centrado.</p>

<p>Desde que você entrou na UnB, você percebe se o seu acesso à Universidade modificou a sua vida familiar e do seu entorno (amigos, vizinhos e parentes)? De que forma?</p>	<p>“Ah, você tá fazendo faculdade”, “eu estou lá na Unb”, mas todo mundo fica “Como assim você está na UnB?” E aí vem aquela coisa de também minha família, minha mãe e minha tia sempre buscaram muito que eu tivesse a melhor educação. Então, bem, eu acho que impactou bastante até hoje. Os meus amigos, meus colegas que estudaram comigo, que falam “nossa, ainda bem que você tá lá”. Gente que estudou comigo também que tá na UnB. “Nossa, que bom que a gente conseguiu chegar aqui, que a gente conseguiu conquistar esse espaço”. E outras pessoas que até chegam a pegar como inspiração “Nossa, você tá lá, eu também vou, vou entrar, vou estudar”, vamos fazer e vamos chegar lá.</p>	<p>Assim a galera me vê hoje em dia e fala que quem tá na UnB que eu acho que é muito disso, né? Que se uma pessoa abre um caminho, as pessoas veem que é acessível, né? Então assim vivi uma galera assim, assim na minha família, poucos assim, mas os meus primos mais jovens assim eles sentem agora a vontade de entrar na UnB e tals.</p>	<p>Então meio que os filhos foram o impulso para os pais continuarem a vida de estudos. Eles terminaram o ensino médio praticamente já tendo como primeiro filho em 91 e pararam de estudar para trabalhar e cuidar de mim. Ai quando veio irmão, minha irmã, continuaram lá. Quando eu e irmã estávamos no ensino médio, já tinham nível de autonomia e decidiram voltar, estudar para concurso, almejar fazer faculdade e tal.</p>	<p>Só de eu falar que já sou de Comorg toda hora um vem: ai eu vou ter um casamento você pode fazer a cobertura fotográfica, me ajuda a criar um convite aqui e eu ajudo em algumas instituições ou ONGs mesmo. Então eu procuro trabalhar com essa questão mais do audiovisual. E aí é isso. Acredito que para as próximas eleições políticas a minha questão da comunicação possa ajudar mais. Mas por enquanto é mais os programas solidários mesmo que eu participo.</p>	<p>Então eu acredito que ela pegou esse ânimo de novo para estudar. E a consequência direta disso eu tive acesso de conhecimentos. Eu fui me mudando ao longo dessa minha trajetória na UnB. Eu tento repassar, principalmente para minha mãe, que é de outra geração. É uma senhorinha já. Então eu pego alguma coisa, eu vou conversando com ela, ela me devolve existe essa troca. E também eu tenho alguns primos que eles não pensavam em tentar a UnB hoje. Eles pensam Então eu consigo ver esse impacto direto, principalmente da minha irmã. Acho que é o clássico casa ali que eu sempre falo.</p>
<p>Você sofreu algum tipo de racismo ou diferente tratamento por conta da sua cor na universidade?</p>	<p>Na universidade ainda não. Como eu falei quando eu cheguei no curso, eu falei “Meu Deus, o que é isso?” Mas assim de terceiros, de outros ainda não.</p>	<p>Dentro comigo não. Nunca aconteceu comigo, mas eu já vi, tipo algumas situações, uma situação específica assim. Mas que a pessoa em si não se sentiu afetada, né? Mas foi uma situação bem chatinha assim</p>	<p>Fala no curso de Comunicação. Eu de uma forma explícita, não percebi. Não é uma questão que tenha acontecido, porque eu não me comunico muito diretamente com os grupos. Então, se eu não entro em contato, eu não consigo receber essa. Essa reação deles.</p>	<p>Eu admito que eu nem vejo isso como um preconceito, porque meus pais também não ajudaram em relação ao meu nome que é Ayoola, ele é bem diferente. Ele é nigeriano. Então, muitas vezes, quando eu fui ser atendida em algum espaço ali da faculdade, o pessoal olhava meu tom de pele, eu falava meu nome, eles falavam “Nossa, mas você fala o português tão bem.” Eu ficava ok. Eu não sou brasileira, então. Mas a FAC, na minha opinião, é uma das mais acolhedoras que tem e tenta ser a mais diversa possível para poder e unir todos os grupos</p>	<p>Então, não foi explícito. Não teve algo que eu pudesse falar que é, mas tem aquela sensação. Às vezes a sensação tá certa, eu não sei.</p>

<p>Qual grupo étnico predomina na sua turma? Tem outros alunos negros na sua turma?</p>	<p>Ah com certeza pessoas brancas. Então, de uma turma de 20, 25, 30, eu não tenho tanta certeza, eu acho que são cinco pessoas pretas que tem lá</p>	<p>Tem mais branco do que negro que é assim em outras turmas que eu vejo que entra de alunos calouros que entraram recentemente. Tem uma variedade maior assim,</p>	<p>Vejo que tem uma quantidade de alunos negros até maior do que quando entrei na UnB pela primeira vez. A questão da acessibilidade dos cursos noturnos, ela é das políticas de cotas. Ela melhorou essa perspectiva, mas a visão geral do curso ainda é um curso elitizado. Curso de comunicação é um curso elitizado. Então, são pessoas de pele branca que moram em locais privilegiados. Quando você vê as pessoas com os materiais que elas trazem para aula, geralmente é notebook, MacBook ou de última geração. Fica claro e acho que mesmo os colegas negros de curso, eles são de uma classe social assim, classe média. Tem uma boa parte que é pobre, mas uns que os casos mais destacados que eu vi são colegas que já são de uma classe mais avantajada que eu.</p>	<p>Adm em 2014, tinha eu e mais uma, foi muito diferente quando eu entrei em Comorg que eu colocaria ali que 25% da minha sala já eram de pessoas pardas e negras. As pessoas brancas com a condição financeira melhor conseguiram se formar antes. A galera da periferia, muitos que eu conheço, preferiram adiar a formação para poder continuar ali tendo a experiência com estágio ou porque seria efetivado e aí teve que dar essa segurada para manter o seu sustento.</p>	<p>Eu acho que me incomodo por ser um curso noturno. Tinham mais pessoas pretas e pardas do que no resto da FAC. No diurno eu já vi outro disciplinar muitas pessoas brancas e quando não era branca era de escola de alto padrão que ainda é uma seleção. Eu não sei hoje na FAC, mas nesse meu período eu consegui enxergar mais pessoas pardas e negras, Mas acho que a maioria eram pessoas brancas ou que se identificavam assim.</p>
<p>Você tem amigos negros na universidade? Ao olhar seu grupo de amigos, os negros são maioria?</p>	<p>Consegui, mas ainda são muito poucos. Eu acho que de uma turminha que eu ando são basicamente eu e uns dois amigos meus. O resto são só pessoas brancas.</p>	<p>Os meus amigos todos são negros. Alguns são brancos, obviamente, mas, eles que me disseram: você é uma pessoa negra. E até meus amigos brancos dizem também.</p>	<p>Eu não consegui ter ainda uma proximidade com pessoas negras. Tive um colega negro do bimestre do semestre que eu entrei que trabalhava também como eu, então chegava tão atrasado como eu para as aulas. Eu conheci ele dessa forma, a gente parou de se falar</p>	<p>Havia essa diferença de idade e eu tentei me juntar mais com o pessoal mais velho que realmente para facilitar mesmo a minha vida que já trabalhava então para me organizar foi mais fácil. A galera que veio de uma classe social mais alta tava pouco se importando para estágios, querendo mais empresa júnior e a galera que vem da periferia, a partir do segundo semestre também já tava procurando estágio, já começou a ter o mesmo horário que eu e tal, e a galera da periferia era o pessoal preto mesmo. Então, a partir daí eu já comecei a ter um contato maior, a fazer grupos de trabalho e aí veio as amizades, que é a galera que eu tenho, que eu trouxe até agora</p>	<p>Sim, eu tive a feliz sorte de fazer uma amizade: Ele é negro, gay, minoritário, periférico, de escola pública. Então eu não sou gay, mas todo o resto a gente se identificava.</p>

<p>Quanto professores negros você teve aula?</p>	<p>aula não tive com nenhum da fac, eu acho. Também não vi.</p>	<p>Professores negros, não tive</p>	<p>Então, se você não abre espaço para pesquisadores negros dentro do próprio curso de comunicação, um debate que é sobre raça, você vê que tem um problema muito vigente ali você não tem professores negros no departamento. O problema até então, não vi. Se há um professor negro no departamento de comunicação, pelo menos não de comunicação organizacional. É algo que eu também já havia apontado no curso de História.</p>	<p>Na verdade, a galera que tinha uma condição financeira boa e a galera que vinha mais das periferias. E aí eu vi que houve essa divisão. E eu achei interessante porque a galera que veio da DA de uma classe social mais alta tava pouco se importando para estágios, querendo mais empresa júnior e a galera que vem da periferia a partir do segundo semestre também já tava procurando estágio, já começou a ter o mesmo horário do que eu e tal, e a galera da periferia era o pessoal preto mesmo, era a galera preta. Então, a partir daí eu já comecei a ter um contato maior, a fazer grupos de trabalho e aí veio as amizades,</p>	<p>omo eu fazia o estágio ou então estava fazendo algo durante o dia, eu não conseguia pegar as disciplinas com a professora Dione, que era de jornalismo, e ali eles tem disciplinas voltadas para autores negros, para pensadores negros e pensadores negras, que é importante. Inclusive tem um da Lélia Gonzalez Gonzales, que eu só fui descobrir depois que eu me formei como org ou tava no semestre, não tinha chance nenhuma de pegar. Eu fiquei ou poderia ter visto antes. Poderia ter sido divulgado antes. Mas a maioria eurocêntrico de pessoas brancas e homens leitores de mulheres. Eu acho que durante os oito semestres. No máximo dez autoras. A maioria foram homens e aquele clássico euro centrado.</p>
<p>Qual a sua expectativa ao se formar na UnB?</p>	<p>Então, eu pretendo muito continuar no ritmo que eu tô, cada vez mais ocupando mais espaços e entrando em mais projetos. Então eu acho que a UNB tem essa possibilidade de me abrir essas portas, que eu consiga um emprego, tentar uma pós e ingressar no mestrado, no doutorado, que eu quero ainda continuar nessa linha da educação.</p>	<p>A princípio expectativa baixa. Conseguir um emprego em comunicação ou coisa assim. Iniciar um mestrado e virar professora. Tipo, fazer o caminho de acadêmico mesmo. Eu pelo menos espero um emprego fixo</p>	<p>Hoje a expectativa é conseguir se formar, eu conseguir organizar minha rotina para pegar as matérias que estão em atraso e não ser jubilado. Mas em termos de emprego e expectativa em termos de emprego, eu realmente não sei. Talvez seja pelo caminho geral que é o marketing digital, porque o que dá para fazer de casa. Mas eu queria trabalhar como jornalista. Eu queria, de fato poder ser redator e trabalhar para jornal, para me descrita principalmente. Mas você tem um caminho difícil, um caminho que você dificilmente vai conseguir sem contato. Os processos seletivos das grandes empresas são longos. Eu cheguei a fazer duas vezes o da Globo. Acho que nunca passei da terceira etapa porque ele é gigantesco. É difícil. Mas vamos tentand</p>	<p>Um dos motivos de eu ter escolhido o Sebrae é a oportunidade de efetivação.</p>	<p>Descansar. Eu queria ter um pouco de tranquilidade, mesmo que o meu processo foi calmo, com elen me orientando. Eu queria pensar em fazer um mestrado na UnB ou então começar a estudar para concurso. Mas comecei a escrever o projeto de pesquisa para o mestrado, concurso não teve nenhum. Eu queria estar no mercado, queria estar na área pública, mas por enquanto eu tô como a maioria do pessoal aí, como PJ sofrendo na mão.</p>

<p>Você se sente preparado para o mercado de trabalho?</p>	<p>Então, pelo curso de Comorg eu acho que se eu fizesse só ele, eu não sei. Mas como eu estou no curso e na EJ. Eu acho que já me deu um norte muito maior, sabe? Já consigo focar em possíveis áreas que eu quero seguir. Então, por exemplo, eu descobri que eu tenho uma paixão por fotografia, por filmagem, então eu posso seguir essa área. Ou um jornalismo político, então, uma comunicação mais ativa. Acho que ele tá me mostrando isso já.</p>	<p>Pelas habilidades que a gente tem contato com as matérias. Sim. Dá para conseguir um emprego massa. Só que o mercado falando já de mercado mesmo de de comunicação. Hoje em dia existe uma demanda muito grande de cursos, tipo de power bi, de análise de sei lá o quê, sei lá o quê. Então assim. Essa capacitação assim maior exige mais que uma pessoa que se formou em Comurg tenha isso incluso nele, sabe? Eu não sei se eu tenho essa visão, porque eu trabalho no Senai. Mas eu percebo isso e ainda principalmente pesquisando assim vagas de emprego e tals. Sempre tem essa pequenas exigências assim de saber sobre Google Ads, Toynbee e outras coisas assim né?</p>	<p>Eu sei que eu preciso aprender algumas. Alguns conhecimentos técnicos que eu vou ter que fazer por conta, né? Eu não vou conseguir pagar curso, então edição de vídeo só de imagem, essas coisas tem que aprender sozinho são essenciais para trabalhar nessa área.</p>	<p>O mercado de trabalho também coloca o que tá sendo difícil, porque eu cheguei com 30 anos, mas só com conhecimento e administração. Então, até provar que tipo oi, não, eu também. Aqui, apesar de só ter estágio em comunicação, eu tenho aqui um conhecimento bom, tem um conhecimento interessante. Eu aprendi a fazer, a mexer nos programas do Adobe, eu aprendi a e como eu posso dizer questões de planejamento mesmo. Então o mercado de trabalho, ele vê, ele não vê assim, com bons olhos um profissional de 30 anos que está se formando, que tá tentando entrar no mercado de trabalho.</p>	<p>Eu acredito que mais na área pública. Acho que é o meio mais estabilizado para que o. Como que você pensa na área de gestão e construção de comunicação mesmo? Ali você consegue algo melhor e a perspectiva é que aumente. Mas no mercado privado, a maior tendência é ser PJ. A maioria das vagas olho para São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e no DF. E para você trabalhar como CLT, mas um contrato de regime de pessoa jurídica. E são poucas vagas que estão abrindo para mim ou então para pessoal CLT. Então tem essa demanda que eu já vi, principalmente em agências, mas eles estão indo mais para o meio corporativo. Em geral, está indo para empresa maiores, estão abrindo com PJ e você vai ser CLT, pejetização.</p>
<p>Qual seu maior sonho? E profissionalmente?</p>	<p>Eu acho que meu maior sonho é concluir, como eu falei no início, né? Eu quero levar a informação e o conhecimento a todos os campos, a todas as pessoas, todas as áreas. Então eu se eu conseguir fazer isso. Seja por um meio político ou por um meio mais social. Eu acho que eu realizando isso, levando conhecimento às pessoas, à todas as áreas, todas as classes, todos os gêneros e cores. Eu acho que isso seria a realização de um sonho para mim.</p>	<p>O meu sonho mesmo é ter estabilidade profissional, sabe? Tanto trabalhando como CLT. Pj Eu nunca quero trabalhar velho, porque tem que aposentar. Mas meu sonho é mais esse estabilidade, sabe? Tipo tanto trabalhando CLT ou realmente sendo professora.</p>	<p>O grande sonho, é conseguir uma posição estável e a gente consegue através de concurso público, para saber que eu posso fazer uma dívida e ter garantia que eu vou pagar essa dívida nos próximos anos é o que eu queria para agora.</p>	<p>Existem oportunidades maiores lá fora. Eu vejo isso em relação a carreira, a trabalho, a estudos. E aí eu queria realmente tentar um mestrado lá fora</p>	<p>Não me sabotar. Acho que acho que pode. Tanto para o profissional quanto para a vida em geral. No profissional, ir para academia ou então ir para uma empresa. Acreditar no. No processo criativo da minha história, Minha construção enquanto profissional. Acreditar que eu sou capaz. E na vida é isso Não me sabotar. Começar a me divertir mais. Sair, descansar, viajar. Porque não adianta nada trabalhar, só estudar e você não conseguir aproveitar tudo isso que você construiu ao longo do tempo e está tentando construir. Acho que seria isso, tentar viver. E é isso.</p>

<p>Sobre o sonho que citou, essa formação pode te ajudar de alguma forma?</p>	<p>Eu me formando em Comorg, eu descobri qual vai ser a melhor forma de eu fazer isso, legal levar educação.</p>	<p>Eu acho que Comurg abre muitos caminhos assim, sabe? De variedade, de de oportunidade que a gente tem. Mas Brasília em si. Ela é muito de indicação, né? Então a gente de Comurg tem que conhecer muita galera. Como eu não sou COMORG também não acho que estudo geral. Mas é mais isso, sabe? Tipo, como ajuda para trabalhar em qualquer área de comunicação, se você sabe o mínimo de todas as áreas de comunicação, você consegue trabalhar. Então, eu acho que com uma boa indicação e com um dinamismo da pessoa que faz Comurg de querer estar tipo, pelo menos saber o básico de todas as áreas já é tipo suficiente, sabe?</p>	<p>Então é que eu pensava também nesse curso, por ser um curso novo e pelo programa dele, da criação dele, está voltado principalmente para trabalhar com instituições governamentais. Imaginava que era uma tendência a criação do curso para para suprir uma demanda dos órgãos de governo que abririam concurso para as vagas das pessoas que estão saindo desse curso. Só que é algo que a gente ainda não está vendo acontecer.</p>	<p>Eu admito que eu quero entrar para o mestrado</p>	<p>Eu acredito que a maioria dos nossos professores foram muito competentes e muito competentes, então eles conseguiram dar uma base boa para. Eu iniciar uma pesquisa. Então eu não sou especialista em jornalismo, eu não sou especialista em publicidade, mas eu tenho um senso crítico muito bom. Então, se eu for para a empresa, eu vou ser capaz de entrar em uma equipe em qualquer momento que ela esteja, qualquer projeto que eu esteja e desenvolver um bom, um bom trabalho e na área pública, acho que enquanto gestor é muito boa. Pessoalmente, acho que é um foco do termo bem geral, somente que aqui em Brasília. Então acho que foi uma base boa. Mas não só isso. Acho que as pessoas que eu conheci foram mais importantes,</p>
<p>Como seu título de graduado em comunicação pode impactar na sua vida familiar, amigos, vizinhos e parentes?</p>	<p>Então, minha família que eu acho que quando eu me formar já vai ser a maior festa que a Ceilândia pode ver. Até mesmo pela minha mãe, na questão de ter não só um bom emprego ou poder ajudar em casa, mas de ter uma profissão, de ter um diploma, já é uma coisa que impacta muito em questão das pessoas ao meu redor. trazer uma coisa nova pra comunidade, um ambiente novo aqui pro pessoal da Ceilândia em algum projeto, alguma coisa. Eu acho que eu, como uma pessoa formada em comunicação, posso trazer isso.</p>	<p>Acho que todo, todo, todo estudante de comunicação, a família acha que vai trabalhar na Globo, né? Mas eu não sei. Tipo, mas isso assim é porque minha família é muito neutra, tá ligado? Tipo, o importante para mim, porque minha família é negra, sabe? Minha família só quer que eu tenha um emprego, me sustente e seja feliz. Tipo, independentemente de graduação ou de nome de UnB e tals. Quando eu entrei na UnB, assim não mudou nada. Sabe, minha mãe ficou super feliz porque ela sabia o esforço que eu tava fazendo para entrar, sabe? Então assim ela viu que o que realmente queria aquilo. E se eu tivesse fazendo o mesmo esforço para entrar na UDF, ela também estaria feliz, sabe? Então, assim.</p>	<p>A minha irmã já pediu para eu ser o Socialmedia dela, porque ela trabalha com o personal trainer. Só que ainda não me sinto preparado para isso e meu pai já pediu para eu fazer árvore genealógica da família porque achava que eu já sabia fazer edição de imagens. Os meus amigos já acham que eu consigo trabalhar com isso. Então toda vez que tem alguma coisa relacionada a trabalho relacionado a rede social, a produzir artigo de pesquisa para eles, pedem pra mim. Só que tipo, tem essa expectativa de que eu consiga fazer essas coisas ainda aprendizagem, Mas eles esperam que eu seja uma pessoa autônoma, que eu possa ajudá los, que eu possa criar um logo para empresa, que eu possa ser o jornalista que vai ter contato com alguém para publicar uma notícia que é importante para eles, esse tipo de coisa. Quando eu estava estagiando no Banco Central, que foi um período que eu recebi muitos pedidos inovadores, tipo ah, você consegue me dizer quando é que o juros vai baixar? Tipo, não, cara, eu só publico lá no Instagram. Quando saiu a notícia dos juros ou não.</p>	<p>A da minha família já impacta. Toda hora vem um, "eu vou ter um casamento, você pode fazer a cobertura fotográfica? Me ajuda a criar um convite aqui". Também ajudo em algumas instituições ou ONGs. Em relação à comunidade negra, eu atuo pouco.</p>	<p>Todo esforço que a gente teve ao longo da vida tá concretizado ali no diploma. E é de uma universidade federal com renome. O mercado de trabalho eu acho que já teve um maior peso. Vejo pouco peso, mas você tem uma graduação. Ser bacharel não. Universidade federal é um ponto. Então eles vão considerar. Se for um critério de desempate, já teve um peso maior. Eu vejo menos isso hoje, mas eu sei ser formado. Sei que ter um diploma na sua mão, eles dão uma segurança maior.</p>

<p>Para você, como a entrada de uma pessoa negra no mercado de Comunicação pode transformar o ambiente de trabalho de uma empresa? Trazer diferenças na entrega? Impactar o mercado de trabalho?</p>	<p>Quando você vai acessar as grandes mídias, seja de editores, até de editores de jornal, a jornalista, você vê que ainda é uma coisa muito elitizada, uma coisa muito embranquecida. Então, eu acho que mais uma profissional no meio de comunicação preta se formando já é uma grande revolução. É um grande ato de resistência. Você vê que algumas publicidades e gente, as pessoas não pensaram na forma que vai ser entregue. Não tinha nenhuma pessoa preta nesse grupo, né? Então, eu acredito muito que mude a forma de pensar de um conjunto, de uma publicidade.</p>	<p>Na CNI, só tem branco, você vê poucas pessoas negras. E as pessoas negras normalmente são servidoras, prestam serviço de TI, faxina e essas paradas assim. E eu fui contratada lá no contratado como estagiária no Senai para trabalhar com comunicação de minoria. E eles tem uma dificuldade muito grande de comunicar isso porque ele é direcionado para uma capacitação profissional para pessoas de baixa renda que está atrás de um emprego. Você nunca vai ver um rico fazendo uma capacitação de técnico em mecânica.</p>	<p>Eu tanto acho que interfere que para o momento nesse curso que foi marcante para mim, acho que foi aquela matéria. Acho que é jornalismo para web TV ser professora. Uma das primeiras aulas foi uma palestra com um jornalista que eu esqueci o nome. Acho que era Fábio, que é o que apresenta o Bom Dia DF. Sim, sim, sim, sim. Eu lembro dele ter ido. É tipo. A gente vê ele na TV. Parece um negócio muito distante, ele ser o único homem negro que eu vi em todos os espaços de TV Globo aqui no DF. Foi algo que me chamou a atenção e falou que tem um espaço. Ele comentou também que é um espaço que está em aberto, que precisa mais pessoas, porque muitas vezes ele quer falar dessas pautas, mas ele é minoria dentro da redação, então acaba passando batido. Mas é uma luta contínua e tem. Tem havido mais espaço para pessoas negras e é uma ideia que a gente precisa defender, que a gente precisa ter a referência lá para a gente poder se ver lá. Se a gente não se vê nesses locais, a gente nem tenta. E isso vale para vários processos da vida. Acho que mesmo</p>	<p>Eu acho que faz total diferença, porque a gente veio de uma tradição de publicidade para pessoas brancas, marketing para pessoas brancas, produtos para pessoas brancas, e eu sempre senti que faltava esse olhar. Na verdade, a comunicação moldou um padrão de beleza que não é o da pessoa negra. Quando você traz uma pessoa negra, ela traz além do marketing para as pessoas negras, começa a olhar para indígena, para cigana, para a galera portadora de deficiência, para o obeso. Querendo ou não, a gente tem uma visão que eu considero ser mais ampliada e a gente busca trabalhar isso nos nossos produtos.</p>	<p>E eu acredito que seja fundamental, porque não só a vivência, mas a sua percepção. E para evitar problemas, tem a propaganda aqui do GDF, que tinha uma pessoa negra com a árvore simulando o cabelo black que pegou fogo. Se tivesse uma pessoa negra numa posição de comando ali de decisão, não só na equipe. E tem isso também. Tem que ter o papel de decisão. Aquele post não seria vinculado nas redes sociais, não iria para o ônibus e não teria o processo que está tendo agora o GDF. Então não é só a maneira de você entregar um produto, a construção de uma narrativa e fica mais humano, tem uma perspectiva diferente, tem que ter na cadeia de comando. E quem tem poder de decisão? Porque não adianta nada eu estar ali no desenho. Não, não pega bem. Mas chega o chefe Não, eu gostei. Vai passar de qualquer forma. Então tem que ter essa estrutura diferenciada. Então é cansativo você ver sempre as propagandas padrões. E tem. Agora, acho que da validação dos médicos que está ocupando</p>
			<p>para entrar na UnB, as pessoas negras começaram a entrar quando começaram a ver o número de pessoas negras aumentando. Os concursos a mesma coisa. Então, tipo, é preciso ter pessoas nesses espaços. Acho que impacta muito, tanto em termos de representação, de representatividade, como em abordar temas que se fosse uma redação inteira formada só por brancos, seriam temas que não serem abordados como uma ofensa racista ou uma pessoa que foi impedida de entrar em um determinado estabelecimento por ser negro ou que é perseguido no mercado. São pautas que começaram a ser discutidas nas redações e passaram a se tornar reportagens. Quando negros passaram a fazer parte dessas equipes. Puseram isso como problemas. Porque se a gente pega o jornalismo de 2010 para trás, era como se racismo não existisse no Brasil, como se essas coisas não acontecessem. Então, a representatividade é importante nesse ponto.</p>		<p>aqui em Brasília e todo canto tem uma. E eu percebi sempre assim quando é um teor mais negativo, eles colocam atores negros. Ai quando é um teor mais positivo, eles colocam atores brancos. Então pode ser uma leitura minha ou achismo, como você me permitiu, mas eu consigo perceber isso quando estão fazendo propaganda positiva, pessoas brancas. Eu sou uma pessoa negativa, pô, tá incidindo em uma fraude, está incidindo. É algo pode ser negativo para a pessoa negra. Se ela fosse uma pessoa negra ali, ela não trocaria. Não tem nenhuma percepção diferente. Não é só você representar com atores negros o que eles estão representando, qual a mensagem que estão passando. Então, se eu tô tendo essa leitura, eu sou formado em comunicação. Acredito que outra pessoa seja negro, formado em comunicação. Poderia ter uma leitura semelhante, então não teria esse viés que eu percebo.</p>